

02 ALAN _ VERSAO LONGA PODCAST.wav

Wikifavelas - 0:00:45

Olá, eu sou Mônica Francisco e essa é mais uma das séries de entrevistas do Memória Viva. Hoje, aqui no Alemão, a gente entrevista Alan Brum, coordenador do Raízes em Movimento. Tudo bom, Alan?

Alan - 0:00:57

Tudo ótimo.

Wikifavelas - 0:00:58

E você? Tudo bem. Então, Alan, a gente quer ouvir um pouquinho de você. Quem é o Alan?

Alan - 0:01:06

Ah, o Alan, eu acho que, antes de tudo, acho que um sonhador, né? Eu acho que eu penso na minha vida como uma realização muito pessoal, como ser, como pessoa que possa contribuir nessa humanidade em algum momento, de alguma forma, né?

Alan - 0:01:24

A minha vida é pautada em todas as dimensões nesse sentido. Eu acho que eu sou um grande sonhador, na realidade.

Wikifavelas - 0:01:31

Alan, você é uma grande referência, uma grande liderança aqui do Alemão. Não só aqui no Alemão, mas fora também, né? Você é formado em Ciências Sociais.

Alan - 0:01:44

E eu estou fazendo o doutorado em Planejamento Urbano, no IPUR.

Wikifavelas - 0:01:48

Então, isso persegue a sua vida, né? Olhar o coletivo, pensar habitação, moradia. Quando você lembra do seu primeiro momento no coletivo? Quando você inaugura essa sua liderança?

Alan - 0:02:08

Bom, Mônica, a primeira coisa, sim, eu tenho alguma resistência a esse papo de liderança, né? Eu acho que hoje a gente não lidera mais, porque antes a gente tinha um movimento muito mais unificado, centralizado no trabalhador. Então, tinha mais sentido essa ideia de liderança, porque hoje as lutas são múltiplas, né?

Alan - 0:02:27

Então por isso que a gente tem que trabalhar muito no coletivo, né? Nessas diversidades de lutas. Então, eu não me considero uma liderança. Mas eu tive dois momentos distintos que me levaram para esse universo, né? Acho que o primeiro foi uma casualidade.

Alan - 0:02:44

Eu tinha acabado de entrar na faculdade, não estava morando no Alemão e trabalhava tirando o Xerox na Fundação Getúlio Vargas, em Botafogo. Trabalhava na gráfica. Foi o único emprego que eu fui mandado embora, porque eu não tirava o Xerox, eu ficava lendo.

Alan - 0:03:00

E lá é uma biblioteca de Ciências Sociais. Até ali, eu achava que ia fazer publicidade, ia ser publicitado. Aquele momento ali mudou a minha vida, porque eu comecei a gostar das Ciências Sociais, eu fiz vestibular para as Ciências Sociais e entrei na UERJ. Esse foi o primeiro aguinado. E logo na sequência, teve um concurso para dar aula em favela, para a educação de jovens e adultos, nos primeiros seis meses de faculdade.

Alan - 0:03:23

E meus parentes todos aqui, todo mundo aqui, eu tinha já saído daqui na adolescência. E aí eu falei, não, vou fazer para o Alemão. E eu volto para dar aula. E aí quando eu vou dar aula para a educação de jovens e adultos, eu começo a me envolver no pré-vestibular, os pré-vestibulares comunitários, e começo a me envolver também com os próprios moradores, que eram meus alunos.

Alan - 0:03:43

Esses dois grupos é que vai começando a germinar todo o processo que está aí hoje. Acho que esse é o momento do coletivo, do dar aula para a educação de jovens e adultos. Acho que esse foi o momento que o coletivo emergiu. Agora, eu acho que também essa casualidade da fundação Getúlio Vargas foi um gatilho, um momento de mudança também muito significativo na minha vida, de começar a ver o mundo de outras formas, de outros lugares.

Alan - 0:04:11

Então acho que esses são os dois grandes momentos iniciais.

Wikifavelas - 0:04:14

Ouvindo você falar, a gente percebe que você, a tua essência é de um grande professor. Para você, quem foi a sua grande referência nesse momento em que você se entende uma pessoa, um ser coletivo, alguém que precisa estar na coletividade, que também é uma referência, mas quem você diria que foi a sua grande referência?

Alan - 0:04:40

Mônica, eu vou te dizer que tem algumas referências, sabe? Eu não sei se eu tenho uma grande referência. Acho que tem algumas pessoas que são referências. Então, no primeiro momento em que comecei a fazer esse tipo de trabalho, trabalhar na área social, desenvolver, pensar produção de conhecimento de favela, pensar memória, história, luta, essa militância na favela, então eu tenho as primeiras referências aqui do Complexo do Alemão.

Alan - 0:05:08

Então eu tenho aqui muito a Marisa, a Marisa do Adeus, é uma pessoa que tem uma luta de décadas. Então é uma pessoa, para mim, que foi muito referência no primeiro momento. Isso no sentido da luta pela saúde, no sentido mais amplo, que a Marisa sempre foi uma militante nesse sentido, é uma lutadora que tem um histórico fantástico aqui no Alemão.

Alan - 0:05:32

E a outra pessoa foi mais quem trouxe elementos para pensar grupo, organização, instituição, pensar uma atuação mais aprofundada, mais substanciada, apesar que eu acho que ele não sabe disso, infelizmente já faleceu, que é o poeta do Verdejar.

Alan - 0:05:55

Então o Verdejar foi o primeiro momento em que eu vi o grupo já articulado antes de começar todo esse trabalho. Então a atuação vai se dando inicialmente com essas duas referências locais, o poeta do Verdejar e a Marisa do Morro do Adeus.

Alan - 0:06:14

Eu acho que são as duas pessoas que eu fui me espelhando inicialmente para poder trocar o trabalho. Depois vieram outras referências, se tem referência dentro da universidade, tem referência entre outras favelas. Então eu posso citar, claro, você e Itamar são referências

para mim desde o primeiro momento.

Alan - 0:06:32

O Machado é uma pessoa de uma generosidade e de uma abertura que para mim foi muito importante na minha vida. Hoje tem algumas outras referências pontuais, mas eu acho que se eu falar uma pessoa na universidade, na academia, para mim sempre foi o Machado, desde muito antes de a gente estar mais próximo dentro da universidade.

Alan - 0:06:52

Então são essas pessoas, Alemão, outras favelas e na universidade, eu acho que são essas pessoas que são referências que vão me constituindo com o tempo.

Wikifavelas - 0:07:02

Te ouvindo falar, a gente fica estimulada, né? Então Marisa e Luiz Poeta, grande figura, duas lutas muito fortes que atravessam a tua história e atravessam a história do Alemão. A luta por moradia, dignidade, cidadania e a questão ambiental, né? Que está presente hoje no Raízes. A gente vai chegar lá.

Wikifavelas - 0:07:30

Mas eu queria que você falasse um pouco nessa sua trajetória de referência militante no Alemão, atravessado pela questão da educação, da habitação, das lutas mais básicas, históricas aqui do complexo, do Morro do Alemão, especificamente.

Wikifavelas - 0:07:49

Quais são os grupos ao longo dessa tua trajetória, Alan, os atores políticos, para além desses que você falou, de Luiz e Marisa, do Adeus, atravessam a sua vida? Como é que se constituiu essa sua articulação com esses grupos?

Wikifavelas - 0:08:05

Como foi isso? As tensões, as resistências, mas também o que fortaleceu. Fala um pouquinho para a gente como é que foi isso nessa sua trajetória no Alemão.

Alan - 0:08:17

Mônica, eu acho que assim, essa primeira experiência com os alunos de educação de jovens e adultos, e com o movimento do pré-vestibular, eu acho que isso moldou um pouco a minha ânsia de trabalhar coletivamente, buscar sempre o coletivo.

Alan - 0:08:35

Quando começo a frequentar e debater junto ao Vernejar, que não fica dentro do complexo, fica no Engenho da Rainha, mas dentro do mesmo maciço, esse processo de estar no coletivo e me construir, isso foi me constituindo o tempo todo, dali por diante, até hoje.

Alan - 0:08:57

O Raiz hoje é uma instituição que tem um histórico de vários momentos tentar criar arenas coletivas. Esse processo de formação e, ao mesmo tempo, de resgatar o que veio antes de eu iniciar esse trabalho dentro do complexo do Alemão, tudo isso foi me trazendo novos elementos.

Alan - 0:09:18

Eu não vivenciei, por exemplo, a primeira mulher presidente da Associação de Moradores, mas a conheci depois, porque ela deixou de ser, a Dona Odete. É uma referência aqui de lutas enquanto representação daquelas antigas Associações de Moradores.

Alan - 0:09:34

Então, é uma pessoa também de referência. O Diquinho, que infelizmente faleceu agora, na pandemia. O Diquinho é um cara que veio do Partido Comunista, é um cara que foi da Associação de Moradores, foi fundador da FAFERJ, é um cara que não era só do Alemão, mas tinha essa articulação mais ampla.

Alan - 0:09:52

Então, essa galera também foi contribuindo dentro desse processo. Construir coletivamente foi sendo forjado a partir disso. Então, eu participei de um processo antes do Raiz, por exemplo, do CONSA, que era o Conselho Comunitário de Saúde do Complexo do Alemão.

Alan - 0:10:11

Talvez o primeiro movimento coletivo, porque até o final do século passado, até 2000, a gente não tinha muitas organizações, na verdade não tinha quase nenhuma, além das Associações de Moradores. Mas em 2000, exatamente em 2000, a gente juntou um grupo muito diversificado de Associação de Moradores, Centro Espírita, Igreja Evangélica, Igreja Católica, vários atores locais e a gente conseguiu constituir o CONSA, que era na época que estava chegando o Programa Saúde da Família.

Alan - 0:10:46

A gente fez um movimento junto com o Vernejar para tirar o entreposto de lixo da Comlurb,

que era aqui, e a gente conseguiu com esse movimento. A gente conseguiu que o Complexo do Alemão recebesse o primeiro Programa Saúde da Família, o primeiro posto foi aqui embaixo, no Morro do Alemão.

Alan - 0:11:02

A gente conseguiu que o entreposto de lixo se transformasse na Vila Olímpica, que é hoje. A gente já dialogava, naquela época, com a Fiocruz, que detectou, junto conosco, que aquele entreposto provocava problema de respiratório, problema de pele, e isso alimentou, na época o secretário era o Sérgio Arouca, uma pessoa também que escutava muito, então a pessoa que foi aliada naquele momento.

Alan - 0:11:30

E ali a gente constituiu o CONSA, e de lá para cá tivemos, e aí depois eu aprendi que eu ficava angustiado quando a gente tinha grupo coletivo, e depois isso esfriava, sempre você consegue juntar um monte de gente, aí está ali aquele feio, quando vai passando o tempo que ele vai esfriando, mas depois com o tempo eu aprendi dos fluxos e refluxos do coletivo.

Alan - 0:11:52

Isso é normal, isso em qualquer movimento coletivo isso acontece, então hoje eu lido bem melhor com isso. Então a gente teve o CONSA, a gente teve o Conselho de Desenvolvimento da Serra da Misericórdia, Comitê de Desenvolvimento Local da Serra da Misericórdia, também que foi um grupo articulado, depois a gente teve, com as chuvas de dezembro de 2013, tivemos o Juntos pelo Complexo, e agora é o Fórum Popular do Complexo do Alemão.

Alan - 0:12:25

Alguns atores se repetem, outros se agregam, mas o que é interessante é que depois daquele primeiro coletivo que foi o CONSA, de lá pra cá, o Raiz de Desenvolvimento vai se constituir em 2001, naquele momento que a gente se constitui, só tinha a Associação de Moradores, a Tia Bete, que já está aqui há 40 e poucos anos fazendo trabalho, da Orca dos Curumis, e não tinha outras organizações sociais no Alemão, isso vai sendo constituído através dos eventos que vão acontecendo na cidade, no mundo também, em relação à constituição dessa diversidade

Alan - 0:13:05

de atores. São as lutas que vão passar a ser, algumas pessoas já não gostam mais de falar assim, de grupos identitários, já não se usa muito esse termo, mas são as lutas que vão tendo mais forças de temáticas muito específicas.

Alan - 0:13:22

Eu acho que isso acontece no mundo todo, ao mesmo tempo a gente entra num processo do neoliberalismo no mundo todo, o Estado mínimo, isso vai provocar um ambiente de ampliação da diversidade de vários novos atores, e aí a gente começa a mudar na década de 90 no Brasil. E no Alemão não é diferente, é claro que no Brasil chega um pouco depois e nas favelas sempre um pouco mais adiante, então a gente tem esse movimento no mundo da década de 80, de 90, no Brasil: a redemocratização, todo aquele trabalho do Betinho e vai começando a se constituir organizações sociais. E isso tem a ver com o cenário mundial

Alan - 0:14:02

do Estado mínimo, desde a década de 80 isso vai refletindo, e aí no Alemão, o Raiz é criado em 2001, e isso depois vai vivenciando momentos históricos no Alemão, e que a gente começa, cada evento ou intervenção do Estado, ou uma política mais agressiva do que sempre foi, da política de segurança pública, cada evento vai provocando também as pessoas e isso vai se constituindo novos grupos, então a gente teve o momento da chacina do PAN em 2007, isso foi criando novos grupos

Alan - 0:14:42

aqui dentro, de enfrentamento, de debate, de reflexão, a gente teve em 2008 também com a chegada do PAC favela, PAC e depois o PP, e esse momento foi um momento de boom, teve muitas organizações constituídas a partir desse momento, e assim foi criando uma diversidade grande, hoje talvez no Alemão tenha 30 organizações, a gente tá no plano do Alemão que tem 23 organizações, mas tem outras pequenas, menorzinhas, às vezes duas, três pessoas, também que vai se constituindo com atividades, trabalhos, enfim, mas eu acho que é um pouco, esse é o processo da ideia do coletivo, a gente teve vários momentos e

Alan - 0:15:22

teve muito fluxo e refluxo, que é muito normal, mas hoje a gente tá num fluxo forte.

Wikifavelas - 0:15:28

É uma avalanche de memórias, as memórias eu percebo na sua fala potente, é quase que uma linha reta, é quase que uma consequência, mas eu queria que você voltasse lá no Consa, que me parece ser um momento muito forte de organização a partir do tema da saúde, que mobiliza nessa pauta da saúde, eu queria que você falasse um pouco, quais são as mudanças, o que mudou, o que permanece, como é essa organização em torno desse tema, que acaba atravessando todos os outros, habitação, saneamento,

Wikifavelas - 0:16:10

enfim, a questão da habitação, da moradia.

Alan - 0:16:15

Então, o Consa, ele foi um marco, a gente tem também uma pessoa aqui na área, na região, que ficou pouco tempo, pouco tempo assim, talvez tenha ficado 10, 12, 15 anos na região, que era um padre da igreja católica, e que é um padre muito, ainda forjado na comunidade eclesíastica de base, teologia da libertação, o padre Martini, o padre Martini, ele era um grande articulador naquele momento, ele conseguiu aglutinar, é um cara que respeitava todas as outras religiões, trazia,

Alan - 0:16:55

os encontros do Consa eram dentro da paróquia de São José Baixão, que ia os macubeiros, ia todo mundo para lá, ia os evangélicos, ia todo mundo para lá, e a gente estava pensando, era um momento, e estavam começando a chegar algumas políticas públicas estruturadas. E aí a questão da saúde era fundamental, eu não sei qual o momento que isso é implementado na cidade, não lembro agora, mas era um dos primeiros, e a gente se organizou, coisa que a gente está lutando até hoje, a gente já lutava lá no Consa, que era que a população tivesse gerência, incidir sobre a política pública, e

Alan - 0:17:36

que pudesse pensar num formato inovador de cogestão entre os movimentos sociais e o poder público. Isso a gente está tentando hoje, através da Laurina, no processo de urbanização, que a gente está articulado com a Secretaria de Ambiente, de Ambiente e Clima, e com a Secretaria de Habitação hoje, a gente está tentando fazer mais uma vez essa cogestão entre universidade, movimentos sociais e o poder público. E lá no Consa, a gente já vinha nessa pegada, qual era a grande questão, vamos nos institucionalizar, porque está vindo essa proposta, tinha um diálogo muito forte com o Sérgio Arouca, e a gente, quando

Alan - 0:18:17

vier esse posto de saúde, e vier a primeira equipe do Programa Saúde da Família, nós vamos reivindicar que queremos fazer a gestão, e assim foi constituído, a gente trabalhou, estudamos, pensamos como é que se estruturava, porque não tinha referência sobre essa área de uma gestão na área de saúde. Então foram muitas mãos, e a gente foi constituindo, formalizamos o Consa, avançamos, construímos o plano de gestão, e isso no diálogo com o Arouca. Quando chega um determinado momento, o prefeito da época passa por

Alan - 0:18:57

cima do Arouca, e coloca pra gerir aqui o tal do CIESO, que é um coletivo de universidades particulares da Zona Oeste, esse coeso no final da Zona Oeste, e da Zona Oeste vem pra cá gerir o trabalho, isso foi um balde de água fria, isso também ajudou muito a esfriar esse movimento, que estava muito forte naquele momento. Então é sempre essa tentativa e recuo, e aí se for um fracasso, pode ter sido, e foi, por uma vontade alheia ao movimento, uma determinação de uma lógica

Alan - 0:19:38

que a gente não tem como explicar, mas ao mesmo tempo o Consa teve avanços, porque a gente conseguiu que trouxesse o Programa Saúde da Família, a gente não conseguiu a gestão, mas conseguiu que trouxesse, a gente conseguiu que tirasse o entreposto de lixo, que era a Vila Olímpia, toda a área da Vila Olímpia pegava todo o lixo do Grande Meia, que é chamado de Grande Meia, que é quase toda a Zona Norte, então vinha pra cá os lixos de varejo, e depois era pesado aqui, e ia pro lixão de gramacho, com as carretas, então aqui era onde se pesava o lixo, era esse entreposto, esse movimento

Alan - 0:20:18

conseguiu tirar esse entreposto, que já durava mais de 40 anos, conseguiu tirar e conseguiu que a gente pudesse ter um espaço de lazer, de esporte, de lazer, então teve conquistas do Consa, apesar dessa fragilidade a partir da não gestão.

Alan - 0:20:38

De lá pra cá, eu acho que também a gente vai amadurecendo durante os processos, depois eu fui me aprofundar um pouco mais sobre o que é determinantes sociais de saúde, o contexto da diversidade, da intersetorialidade, o quanto isso é importante para as políticas públicas, para impactar positivamente na qualidade de vida, e aí começamos a atuar para além da questão de um equipamento de saúde, mas pensando na qualidade de vida. Eu acho que isso foi gradativamente avançando, e aí o debate vai também tomando outras formas, tomando a forma de

Alan - 0:21:19

pensar a urbanização, de pensar a questão do saneamento, e aí o saneamento é uma pauta, a gente começa a perceber que ela não é uma pauta do Alemão, é uma pauta das favelas, fortemente, ainda é até hoje uma das principais, se não for a principal pauta de estruturação urbana. Então gradativamente a gente vai ampliando também, a gente vai se alimentando da luta, a luta não é só a tua atuação sobre ela, a atuação dos coletivos, das organizações, das pessoas sobre determinada questão, eu acho que a própria questão, a própria vivência da

luta também vai nos constituindo

Alan - 0:21:59

também, então é sempre uma via de bondu. Então eu acho que é um pouco da questão da saúde foi se ampliando a partir daí, de pensar que o desenvolvimento da favela, o que a gente fala de desenvolvimento local, ou fala de desenvolvimento sustentável, acho que são diferentes nomes para pensar também de determinantes sociais de saúde, acho que a gente também, cada área também vai chamando de determinada maneira, uma coisa que é a mesma coisa, porque a gente está querendo na realidade de todos esses aspectos, é pensar na qualidade de vida melhor, é cuidar do planeta, se você pensar em sustentabilidade, na questão do desenvolvimento sustentável, e aí você pode pegar desde

Alan - 0:22:39

o objetivo de desenvolvimento sustentável da ONU até o plano de ação do complexo do Alemão, a correlação é direta, seja o micro, o local, seja do mundo, então pensar no mundo, acho que foi a partir daí que a gente foi pensando saúde numa outra pegada e a atuação ela sempre vai se dando, pegando acho que o mote é a questão da qualidade de vida, acho que é um pouco isso. Mas as lutas foram diversas de várias áreas, mas acho que tem uma questão fundamental que a gente ainda tem um arcabouço político representativo de gestão, gestão pública, a gente ainda está muito atrasado

Alan - 0:23:20

na gestão pública, para pensar a partir dessa perspectiva, a gestão pública ainda é arcaica. Seja por uma lógica política de você lotear a máquina pública e aí cada aliado, possível aliado político vai pegando as secretarias ou os ministérios ou seja lá o que for de porteira fechada e a gente tem uma dificuldade enorme de pensar o desenvolvimento de uma determinada localidade, pode ser em qualquer dimensão, qualquer extensão que a gente possa falar, mas qualquer política de intersetorialidade

Alan - 0:24:00

é muito difícil porque essa estrutura é muito arcaica, cada um fica fechado no seu feldo. Para provocar que a Secretaria de Ambiente e Clima precise trabalhar a urbanização junto com a Secretaria de Habitação, que é quem desenvolve a urbanização de favela, a gente está numa luta, travando uma luta gigantesca para colocar as secretarias para conversar. E quem está fazendo essa arena somos nós da favela, quem está criando o espaço para que duas secretarias dialoguem para pensar a intervenção urbana é a própria favela, não é o mesmo governo do mesmo município. Então acho que a gente precisa avançar muito nesse debate, nessa discussão

Alan - 0:24:41

da sociedade, porque a intersectorialidade é o que vai nos dar saída, a diversidade, o entrelaçamento das políticas públicas, é isso que vai nos dar saída, porque uma política isolada ela vai ser isolada da sua implementação e do seu objetivo, e aí você não consegue criar interfaces, acho que esse é um grande problema que a gente precisa enfrentar.

Wikifavelas - 0:25:06

Muito provocativa essa sua fala, eu quero voltar nela, mas eu queria que você falasse um pouquinho assim, você acaba organizando a sua luta a partir das demandas coletivas, das necessidades, acho que essa palavra ela precisa, das necessidades que não terminam, não terminam, algumas são as mesmas, numa dimensão talvez maior, mas você atravessou a luta coletiva também participando de alguns programas, de algumas ações, de

Wikifavelas - 0:25:47

forma técnica, como técnico, como alguém que para além da vida militante também na vida secular juntava ali trabalho com militância, como é que é isso, Alan, como é que é possível o que você aprendeu, o que você traz até hoje dessa experiência e o quanto disso está presente nessa organização que a gente está aqui, o Raízes?

Alan - 0:26:11

Eu acho que quando a gente começou, eu falei que eu era um sonhador, eu acho que tem um ponto que talvez a humanidade perdeu em algum momento, que é quando a gente começa a se fragmentar, você é profissional e trabalho é uma coisa, a família é a outra, cada lugar da sua vida ela é compartimentalizada, em algum lugar a gente foi por esse caminho, a humanidade foi por esse caminho e eu sou um cara que eu fico o tempo todo na minha vida tentando fazer que não há essas separações, então a

Alan - 0:26:51

minha vida profissional, a minha vida de militância, a vida da minha família e a minha convivência, o meu cotidiano é tudo a mesma coisa, quando eu estou na universidade também eu estou o tempo todo nessas interfaces, o tempo todo, eu nunca tenho uma coisa isolada na minha vida e eu acho que isso é o meu lado sonhador, então pensar a coletividade acho que tem muito a ver com isso também, não me dividir, não me compartimentalizar, eu desço aqui, a minha avó também morreu agora na pandemia, a minha avó está aqui desde a década de 60, de 1960, minha avó veio para cá, meus pais casaram aqui

Alan - 0:27:31

nessa rua, jogava bola aqui, pegava amora ali do outro lado, chegava em casa todo roxo, não

tinha água em casa, a água era pego, a nossa manhã era pegar balde d 'água e ir lá no pé do morro da bica e tinha que encher o galão, eu, meus tios, meu tio tinha meia idade, era isso que tinha que fazer, então a minha vida ela vai sendo, desde esse momento do gatilho que eu volto para cá depois de ser adulto, ela vai se constituindo a partir disso: é a vida cotidiana da minha família,

Alan - 0:28:12

minha avó morando no pé do morro e na casa dos meus tios, os parentes e as pessoas que eu conheço desde a minha infância, ao mesmo tempo a militância de pensar a melhoria, a melhoria local e ao mesmo tempo começar a expandir isso em outros espaços, então quando você está falando, a minha formação profissional vai se dar a partir desse processo, claro que é sempre um complemento que você vai dando, você não fica fechado, pelo menos eu não fiquei fechado dentro da própria favela, só fechado nos problemas da favela, mas também tentando um processo formativo constante, seja profissional, técnico dessa área de

Alan - 0:28:52

gestão de projetos, seja na universidade fazendo os debates e discussões, o aprofundamento das reflexões, então acho que também são os outros campos, mas é tudo para mim a mesma coisa, mesma coisa no sentido que não tem descontinuidade nenhuma dentro desse processo, então eu fui durante muito tempo um coordenador técnico de projetos do CIEDES, então eu cheguei no CIEDES eram nove pessoas em 1998, quando saí de lá em 2006 eram 500 pessoas e 15 unidades no Brasil, e eu fazia coordenação nacional de projetos, aquilo foi uma escola para mim também no processo formativo,

Alan - 0:29:32

desde 2008, agora está parado, mas eu também venho trabalhando com a experiência de conteúdo, mas também do processo do que fui aprendendo de articulação aqui, eu também faço trabalho para o Instituto Vladimir Herzog em São Paulo, que é a Usina de Valores, que é uma escola de formação em direitos humanos, e aí eu estou aqui, mas estou na periferia de Recife, de Salvador, agora vai para Belém, do Rio Grande do Sul lá em Caxias do Sul, e isso é agora, eu estou fazendo isso, fiz até ano passado e vou retomar agora de novo, continuo fazendo isso, então as conexões com outras periferias, mas

Alan - 0:30:13

nada disso está desconectado, quando eu vou lá conversar com o pessoal das periferias de Salvador, eu vou conversar a partir desse processo que me alimentou e me formou daqui do Alemão, então não há separação sobre isso, quando eu estou na universidade, quando estou lá fazendo o doutorado, a pesquisa é sobre a produção de conhecimento de organizações sociais e o seu impacto nas políticas públicas, é isso que eu estou estudando, estou tentando produzir alguma coisa nesse sentido, e está tudo conectado para mim, e eu não consigo

fazer essa separação, em determinados momentos tem aquelas questões das

Alan - 0:30:53

metodologias, do distanciamento, esse papo de se distanciar do objeto, essas coisas todas, isso é muito difícil para mim, isso realmente é muito difícil para mim, eu tenho que saber lidar com isso, estou tentando lidar com isso sem me compartimentalizar, mas ao mesmo tempo respeitando os princípios, questões técnicas que têm que ser feitas. Então é isso: acho que a minha vida é um pouco juntar todo o processo, quando eu estou em casa, dentro de casa, eu estou falando de trabalho, estou fazendo reunião, estou dialogando com a minha irmã, o que eu estou falando aqui do trabalho do Raízes

Alan - 0:31:33

perante os moradores é a mesma coisa que eu faço com a minha irmã, que até dois anos atrás, ela só fazia faxina na casa dos outros, cuidava dos filhos e etc, os filhos estão grandes agora, e ela sempre desejando estudar, fazer alguma coisa, e aí apoiei, fez lá um curso, dois anos, curso técnico de massoterapeuta, hoje é uma profissional, tem seis meses que começou a trabalhar, está trabalhando numa área que ela ama fazer, e que ela não tinha perspectiva, então isso não é desconectado quando a gente promove a melhoria de qualidade de vida dentro da favela, então o que eu faço em casa, o que eu faço

Alan - 0:32:13

aqui, o que eu faço ali, faço lá, ela tem umas conexões. Então por isso que eu acho que as conexões existem, então por isso que eu acho que eu sou um sonhador nesse sentido, eu acho que a gente perde muito nessa sociedade que a gente vai compartimentalizando a vida, eu acho que a vida não pode ser compartimentalizada, nós somos uma unidade, uma coisa só,

Alan - 0:32:38

mas nós somos um, a gente não pode, no trabalho, tem gente que troca de personalidade, no trabalho eu sou chefe, eu tenho que ser assim, tenho que ser, e aqui não, aqui eu sou o vovôzão, o paizão, sabe, loucura, isso é uma, na minha cabeça, isso é de uma esquizofrenia louca, inadmissível, não consigo ser assim, então o que eu tô aqui, eu sou em casa, eu sou a mesma pessoa, e as minhas questões, elas são as mesmas. Tem entrada diferente talvez, porque as

Alan - 0:33:18

relações são diferentes, você tem uma relação com você, você se relaciona com seu filho, com sua neta, as relações, mas você é a mesma pessoa, tudo é perpassado, por isso que eu

falo que eu sou um sonhador, porque isso é loucura também, né, nesse mundo.

Wikifavelas - 0:33:35

Alan, sonhador, professor, olhando em perspectiva, lá o seu início, as referências da Marisa, do Luiz Poeta, Marisa do Adeus, Luiz Poeta, hoje, a organização local, os coletivos, o que mudou, o que tá igual, qual a diferença, o que era bom e não é mais, ou então não era bom, ficou melhor?

Alan - 0:34:08

A gente pode ter a nostalgia de pensar que o passado era melhor, né, mas também no passado você não tinha a bagagem que tem hoje, então você não pensa o passado com a bagagem de hoje, você não consegue voltar, então você lembra daqueles momentos, então quando você tem um momento de descobertas, ele é muito mais fascinante, você tá descobrindo, né. E aí às vezes a descoberta não é muito boa, e aí você começa a sofrer, porque você descobriu, né, então eu acho que são processos diferentes, momentos diferentes, histórico também diferente, né, então quando eu tô me descobrindo e me

Alan - 0:34:49

constituindo nesse lugar que eu tô hoje, pra mim era muito mais rico, era muito mais sedutor, né, e também era muito mais ingênuo, muito ingênuo, né, e aí eu acho que era gostoso demais viver aquele momento, mas com clareza de que aquele momento era aquele momento, né, a gente não tinha tantas organizações, a gente não tinha as implicâncias que tem hoje, as implicâncias que isso tem por um lado, hoje, nas favelas, aqui pelo menos no Alemão, eu posso dizer que a gente tá vivenciando uma

Alan - 0:35:30

arena coletiva mais articulada, com a diversidade grande de atores, isso é muito bom, né, porque a gente avança olhares e pontos de vista diferentes, ao invés de você tá conduzindo um processo com uma, duas organizações só, olhares limitados, né, hoje tem uma diversidade enorme,

Alan - 0:35:59

hoje tem uma diversidade enorme, né, essa diversidade enorme também traz outras implicações, né, eu tenho uma implicação hoje, né, não sei se é implicação, na realidade é uma reflexão sobre o papel de quem tá atuando nas favelas, e tem uma vertente que me incomoda muito, demais, né, hoje, né, os ditos influencers sociais de favela, né, em determinados aspectos, não na totalidade e não todo mundo, mas em determinados aspectos, isso me incomoda, né, me incomoda porque deixa, tem uma ruptura de laços

identitários

Alan - 0:36:39

desse processo aí, sabe, na minha reflexão, no meu olhar, e isso me incomoda porque isso também vira moeda, isso vira mercadoria, a militância vira mercadoria, no sentido de vender mesmo a luta, né, a luta é a imagem que tá sendo projetada, é a imagem da luta é que é vendida como mercadoria, né, e isso até é public, é public, é colocada a luta nesse lugar, e isso é muito ruim, mas ao mesmo tempo a gente tá vivendo o momento, né, tecnológico,

Alan - 0:37:20

das redes sociais, etc, que isso também é um instrumento pra muitas coisas, né, pro bem e pro mal, então tem algumas questões que pra mim piorou nesse sentido, do desnocamento de algumas pessoas que já teve histórico de luta de pé no chão, sabe, mas ao mesmo tempo é um instrumento necessário nesse mundo que a gente tá vivendo hoje, então sempre é uma questão dúbia, né, o tempo todo, mas isso me incomoda hoje.

Wikifavelas - 0:37:47

Não seria essa uma estratégia de sobrevivência também?

Alan - 0:37:50

Individual, mas aí já não é mais coletiva, ao meu ver, sabe. Então assumo que é individual, não fica propaganda que tá fazendo luta coletiva, que não tá, sabe, eu acho que é, eu acho que todo mundo tem direito a ter uma saída de sobrevivência, e eu acho isso até louvável, mas não venda isso como coletivo, que não é, saca. Isso não é luta coletiva, isso é uma postura individual pro mundo e que coloca isso como mercadoria pra sobreviver, vou respeitar a sobrevivência, mas eu não vou acatar que isso é luta coletiva, que ao meu ver não é,

Alan - 0:38:31

né, deixou de ser.

Wikifavelas - 0:38:32

Essa estratégia tem data de validade ou você acha que ela vai se ampliar? Da favela como cenário?

Alan - 0:38:40

Ah, eu acho que a favela sempre vai ser cenário, sempre vai ser apropriada para diversos

usos, né, ela sempre foi, na verdade, em diversos momentos ela foi apropriada. Eu acho que essa é mais uma nova forma de se apropriar, mas isso tem a ver com apropriação cultural do capitalismo, talvez isso, né, a gente pode chamar assim, né. Isso foi com todos os, desde a época da escola de samba, com a capoeira, com o rap, com o funk, tudo é apropriado e se transformado, né, numa mercadoria pro mundo, né, mesmo que se continue a criminalização interna do funk, criminalização da favela, etc., mas pro mundo essa estética, né, ela

Alan - 0:39:20

vai sendo vendida, né. E sem nenhum compromisso de mudança desses espaços, mas num olhar romantizado, né, de que a favela parece que vende que a imagem que a favela é gostosa de viver.

Alan - 0:39:41

Quem venceu são as pessoas individualmente que falam que a favela venceu, é exatamente aí, a favela não venceu, ainda não, e tá longe de vencer, muito longe, né, esse negócio de a favela venceu, isso é muito marketing individual de quem conseguiu ir pra outro espaço, né.

Wikifavelas - 0:40:04

Bom, já que você tocou nesse tema, eu ia entrar em conjuntura, mas acho que de alguma forma você tá... Eu quero fazer um bate e volta, né, porque você falou da sua juventude, da sua adolescência, de uma rotina que tem a ver com uma questão importante, né, como você mesmo diz, que é uma determinante social, de saúde, uma determinante de saúde importante, que é o saneamento, que é o acesso à água, né, então você olha pra sua juventude e pra sua adolescência atravessada por uma questão que era acordar e buscar

Wikifavelas - 0:40:44

água lá na bica, lá no pé do morro, né. Olhando pra essa sua juventude, olhando pra esse contexto, olhando pra juventude do momento em que você passa a se organizar coletivamente na educação de jovens e adultos, qual é a relação hoje, né, que você tá discutindo essa questão da tecnologia que chega à favela, que coloca a juventude favelada em outro lugar, da favela cenário, da favela venceu, da apropriação cultural. Como é que você olha essa juventude olhando pra trás, olhando no retrovisor da qual você fez parte, essa juventude, como é que você faz esse diálogo, qual

Wikifavelas - 0:41:24

é a análise que o Alan Brum, referência, faz, qual é a sua análise em relação a isso?

Alan - 0:41:38

Eu, pegando a minha, o que eu vivenciei, o que eu vivi na minha adolescência, eu sempre vou lembrando e pautando a partir de momentos históricos, né, momentos históricos da vida, do cotidiano, e tem a, a gente não pode desassociar o jovem de favela com o contexto do tráfico também, sabe, não dá pra desassociar nesse contexto, e aí, se a gente pega da minha época de adolescência, o máximo que existia naquela época era a venda de maconha com três oitão, hoje

Alan - 0:42:19

é uma outra lógica, mas, por outro lado, a minha vida foi pautada como de qualquer outro jovem, talvez até hoje, num determinado sentido, que eu chamava, hoje eu não chamo mais, que eu chamava de ciclo da pobreza, né, é o jovem homem, o adolescente homem, 14 anos, 15 anos, que a família passa necessidade, aí tem que largar os estudos pra ir trabalhar, o trabalho, ele sempre é um trabalho mal remunerado e muito explorado fisicamente, a pessoa não continua os estudos, vai

Alan - 0:42:59

continuar num processo de não ter uma remuneração melhor porque não tem uma qualificação melhor, porque teve que parar de estudar, e aí vai se criando um ciclo de que quando esse mesmo jovem chega com 17, 18, 19 anos, já é pai, né, muitas vezes por falta de informação, e quando o filho dele fizer 14 anos, ele vai pedir o filho pra parar de estudar pra poder ajudar em casa, porque o filho homem tem que ajudar em casa, eu vim dessa geração, né, e eu fui tudo isso, né, eu parei de estudar com 14 anos pra ajudar em casa, eu fui ser cobrador de ônibus lá em Nova Iguaçu, linha Nova Iguaçu ao Chim, né, fiquei dois anos, mas nessa liberdade

Alan - 0:43:40

também de 15 aos 17, sendo cobrador de ônibus, eu fui pai, né, eu fui pai com 17 anos, né, e eu tinha só o ensino fundamental, depois eu fui pai de novo com 21 anos, e aquilo tava só se reproduzindo, aí fui ser garçom, fui ser isso, fui ser aquilo outro, até chegar na Fundação Getúlio Vargas pra tirar xerox, que ali deu uma mudança, né. Naquele momento eu já tinha voltado a estudar, porque aí eu voltei pra fazer o ensino médio, na época ainda segundo grau, aí eu faço o ensino médio depois que o meu segundo filho nasce, que aí é um outro gatilho. É quando eu começo a refletir, eu falei assim, pô, eu gosto de estudar, eu não sei porque que eu parei

Alan - 0:44:20

de estudar. Tô olhando meus dois filhos, o que que eu quero pra eles, o que que eu posso dar a eles enquanto pai, e aí esse também foi um gatilho de voltar a estudar, eu falei assim,

não, eu gosto de estudar, eu vou voltar a estudar pra ver depois o que que eu vou fazer, e aí que vai, se conecta lá com a questão da Fundação Getúlio Vargas.

Alan - 0:44:39

Então, eu acho que esse ciclo de que em algum momento eu me libertei, né, de não ter formação, ganhar pouco e se manter nessa lógica, né, isso eu acho que se repete até hoje dentro das favelas, mas tem uma gravante, quando tá falando do tráfico, é nesse sentido que tem a ver, quando você pega o tráfico hoje, porque todo jovem, seja da minha época, seja da época do meu avô, do meu pai, seja de qualquer um, todo jovem quer se sentir pertencente a alguma coisa, quer se sentir partícipe de algum grupo, né, e eu acho que

Alan - 0:45:20

hoje a gente se arraigou muito a questão dos usos, das marcas, das roupas, dos calçados, de como que as meninas vêem os meninos na idade da adolescência, com 15, 16 anos, são valores, né, e que se você não tem um ambiente que proporcione representações reais, né, representações que tenha respaldo, que tenha alicerce, isso vai se transformando em valores, fumaça, sabe, que não tem concretude,

Alan - 0:46:03

o que eu tô querendo dizer é que assim, o jovem que precisa trabalhar e o pai coloca pra trabalhar, não é que fale diretamente, mas cria um ambiente assim, tá na hora de ajudar em casa, porra, tá difícil, tá difícil tocar. E aí você não tem trabalho, você não tem formação e você tem um chamamento, um lugar ali pra ganhar um trocado, hoje é menos, mas do tráfico, é ali que vai ver um lugar pra poder ajudar em casa, a questão de você ter as coisas pra poder participar do grupo. Porque o grupo na favela é, tem gente que tá rasgada, tem vergonha não, não sei o quê, e o cara não tem como comprar, como é que vai comprar, né.

Alan - 0:46:43

Eu acho que isso também são estímulos do processo de criminalidade, por isso, quando eu tô falando de influência social, de publi, etc, porque hoje eu vejo jovens que passaram por esse processo e que rompeu, e que hoje é influência de favela, que recebe por publi, recebe um enxoval da Reserva, um enxoval das Havaianas, e abre nisso, abre aquilo ali tudo e coloca na internet, olha o que eu ganhei, olha que legal, olha os que chegou aqui, e vai abrindo aqueles pacotes, e é a mesma pessoa que fazia a discussão que a falta de ter acesso a consumir, que a massa de

Alan - 0:47:23

jovens é levada pro processo da criminalidade, sabe, é exata, e continua, passou a alimentar mais ainda o sonho do consumo. Só que essa galera, não cabe todo mundo pra ser influência,

sabe, influência, a própria lógica é um ou outro, pra poder a massa seguir. Isso é muito perverso, porque isso estimula cada vez mais, pô, eu tenho que ter isso, eu preciso ter isso, o ter, a necessidade de ter pra se pertencer a determinados grupos, e isso eu acho que tá muito mais arraigado e muito mais perverso hoje, eu, na minha infância, os shorts

Alan - 0:48:03

era minha mãe que fazia em casa. Era uma outra lógica, essa questão de roupa, coisa e tal, eu tinha era o Kichute, o Kichute era o auge, de ter um Kichute, era o auge, né, as brincadeiras, hoje, meu afilhado, filho do Maico, não vai jogar bola se não tiver uma chuteira, uma chuteira dá boa, e é caro, né, o que chute pra gente resolvia tudo, ia pro colégio, ia passear, ia jogar bola, tudo era o que, o que chute resolvia tudo, todo problema, e aí, a sociedade mudou muito e o processo do consumo, o consumo aliado a essa fragilidade

Alan - 0:48:44

econômica, fragilidade geral, isso cria um ambiente muito perverso, não é só a criminalidade. Tem alguns dados, eu não tenho os dados de cabeça, mas a gente tem a vivência mesmo de relatos, não só do Alemão, mas de outros favelas, o quanto cresceu o índice de suicídio de jovens, jovens de favela, estão se suicidando, né, e tem uma relação direta, não se vê mais nesse mundo, né. Pede sentido a porra da vida, sabe, não se joga mais bola no meio da rua, não se come mais um mamoro, uma carambola, sei lá, sabe, o

Alan - 0:49:24

que existia lá atrás, então o mundo está mais perverso nesse sentido, sabe, e acho que tem uma massa marginalizada que vai sendo jogada, vai sendo jogada, vai sendo jogada e sem nenhuma perspectiva, um ou outro consegue romper isso aqui e ali, mas enquanto a massa da favela é muito preocupante na questão da juventude, por isso que eu acho que precisa ter uma proposta de trabalho, hoje, a situação que a gente está nas favelas, a gente precisa ter um programa universalizado para a juventude. Universalidade, o que eu digo é tipo o Bolsa Família, que é universalizado.

Alan - 0:50:05

Precisa ter um processo desse para jovens de favela, eu acho que precisa disputar esses jovens criando políticas públicas que dê alternativas, sabe, sei lá, um Bolsa Família do mesmo aspecto para todos os jovens e que cada um desses jovens fique no projeto pelo menos dois anos, tenha um compromisso de estar construindo o seu projeto de vida, volta a estudar, mas você tem um dinheirinho do Bolsa para poder pagar as contas que tem que ajudar em casa. Tem que ter alguma coisa que seja massiva e que tenha possibilidade de mudança, se não tiver isso, acho que é muito difícil a gente avançar nessas questões, então, acho que a gente piorou muito nesse

Alan - 0:50:45

sentido, sabe?

Wikifavelas - 0:50:47

Bom, Alan, você está aí com café, já tomou água, já recuperou, a gente ainda vai se manter um pouquinho nesse tema da juventude, né? Você falando, a gente estava aqui lembrando de que carregar água era até uma brincadeira, né?

Wikifavelas - 0:51:04

A gente brincava de carregar água, chamar uns amigos, carregar água e olhando para essa juventude agora, eu queria que você fizesse esse bate e volta mesmo, né? E o impacto dessas tecnologias, porque o tráfico, o narcotráfico, o tráfico de drogas também é uma tecnologia do capital, né?

Wikifavelas - 0:51:26

E o quanto isso impacta na juventude. Você falou uma frase muito rápida que me chamou a atenção, que foi, muito menos hoje, ganhar dinheiro no tráfico, muito menos hoje. Eu queria que você explicasse um pouco mais isso, falasse um pouco dessa juventude que brincava de carregar água, né?

Wikifavelas - 0:51:46

Que virava uma brincadeira, né? Talvez um mecanismo para diminuir a dor da falta, da ausência de cidadania, mesmo sem entender, sem elaborar sobre isso, porque todo mundo é adolescente, criança, mas é uma dor não ter água, né?

Wikifavelas - 0:52:03

É uma dor saber que você não tem água para tomar um banho direito, você tem que tomar banhos cronometrados para não acabar a água. Eu queria que você falasse um pouco disso.

Alan - 0:52:15

O complexo do Alemão, o morro do Alemão, ele tem um laço afetivo com ele, mesmo durante o período de ter morado na Baixada Fluminense. Mas toda semana eu estava aqui, porque a minha avó vem para cá com 12 filhos, a irmã dela com mais 10, a minha avó, por parte de pais, vem com 8.

Alan - 0:52:39

Todo mundo vem na década de 80, meus pais se casaram aqui. Imagina, duas irmãs que, somando as duas, dá mais de 20 filhos, todos morando aqui e essa procriação vem na década de 60 até hoje. Quantos parentes que eu tenho aqui dentro? Uma vez eu tentei contar, estava chegando quase a 200, mas eu ainda esbarro com pessoas que descobrem que é primo de terceiro grau hoje nos bares aqui dentro.

Alan - 0:53:08

Eu vou descobrir depois que é parente. Eu estou colocando isso porque eu acho que a questão da água, naquele período, eu acho que as crianças acabam transformando qualquer coisa em brincadeira.

Alan - 0:53:24

Exatamente, para poder sobreviver. E eram muitas crianças, essa quantidade de filhos que minha avó teve. A minha mãe era a mais velha. E os mais novos, os dois mais novos, tinham mais ou menos 1 ou 2 anos de diferença de mim e do meu falecido irmão.

Alan - 0:53:44

Então a gente, nós quatro, os dois filhos mais novos da minha avó e os dois netos mais velhos, a gente era mais ou menos da mesma idade. Então a gente era os quatro, a gente acordava, a nossa dinâmica era ir buscar e encher o galão. Tinha que encher o galão todo dia. Só que a gente fazia o triplo de viagens para encher o galão, porque era se batendo daqui para lá e era se batendo de lá para cá, a gente chegava aqui e tinha um pouquinho de nada no balde, né?

Alan - 0:54:12

E aí voltava de novo. E era isso, era tudo contador metrado. A gente só tinha o balde, você podia ir até tal marca, cada um, e a minha avó era lá, tomava conta. Vai tomar banho, vai tomar banho. E era aquela quantidade de água, se vira, só tem aquilo ali, não tem mais nada.

Alan - 0:54:31

Por isso que a gente caía na costa, quando chegava todo roxo, tinha que comer amora. Você chegava todo roxo de amora, e não tem água, a água era escada. Mas tudo era diversão. Então era muito mais, eu acho que quem mais sofria eram os adultos que percebiam o quanto que se fazia falta, mas buscar água se tornou uma brincadeira.

Alan - 0:54:53

Aí tinha outras formas também de pertencimento de grupo, de como que, quem era o líder de grupo, quem é que liderava, quem é que estava mais à frente, e era muito engraçado.

Alan - 0:55:08

Tinha uma outra dinâmica também, aqui, porque o caminhão não subia aqui no morro. E era, todos os bares, meus avós sempre foram donos de bar, as tendinhas, meu avô sempre foi dono de tendinha. E aí todos os bares, desde lá de cima, até lá embaixo, todo mundo descia com aqueles engradados de madeira, de refrigerante, de cerveja, e lá embaixo cada um fazia o seu lote.

Alan - 0:55:36

Aí o caminhão chegava no pé do morro, fazia a venda, pegava os caixas que levava, colocava, deixava ali, e todo mundo, cada um do bar, subia na cabeça. Era uma outra atividade das crianças. Só que a gente só aguentava carregar a caixa de refrigerante.

Alan - 0:55:53

Quando a gente começava a carregar a caixa de cerveja, era um bito, era um momento em que você passava a ter uma outra representação dentro do seu grupo.

Wikifavelas - 0:56:07

Era um rito de passagem.

Alan - 0:56:11

Porque aí você já é um adolescente, você já é uma... Porque aguentava carregar uma caixa de cerveja. Aí você ia pra outro grupo? Não, você liderava os outros. Aí você passava a ser um líder. Então, o rito de passagem era carregar um casco de cerveja, do pé do morro até...

Alan - 0:56:28

Era um sonho? É, até brinco. Tem um amigo que, infelizmente, hoje ele é alcoólatra. Nessa época, ele era o líder desse grupo, jogando bola ali.

Alan - 0:56:47

E aí sim, depois que enchia o galão de água, ou no dia que era uma vez por semana só que chegava esse caminhão pra entregar. Ou, resolvendo a questão da bebida, aí você podia

jogar bola. Aí você podia jogar bola.

Alan - 0:57:02

Aí jogava bola ali, naquela esquina ali. Mas essa era um pouco a infância de como a gente lidava com isso. Eu tinha um primo que, na época, vendia maconha. E aí, ele era o marginal da família.

Alan - 0:57:20

Todo mundo chamava ele de marginal. Marginal, marginal, marginal. Se fosse ver hoje, gente... Pelo amor de Deus. Ele era o mau da família naquela época, né? Mas... E aí ele trazia algumas questões que...

Alan - 0:57:35

Eu tava aqui entrando já, talvez tava com 10, 12 anos. Tava entrando ali na adolescência. E ele contava das aventuras. Aí parava no bar, ele contava as aventuras sexuais dele. E aquilo... Ele era referência pra mim da masculinidade, né?

Alan - 0:57:55

Um dia eu quero ser isso. Sabe como é que isso vai se constituindo? Como é que você vai pegando referência? Pra minha família, pra minha mãe, pra tia, pra não sei quem, ele era o excluído. Ele era o marginal. Mas pra mim, ele era o cara que tava me ensinando o que tá por vir nos próximos anos, né?

Alan - 0:58:16

De coisa boa. Porque ele contava pra gente. Não tinha outra fonte pra contar aqui. Mas eu acho que, assim, de lá pra cá, acho que o tráfico evoluiu em todos os aspectos. A política de segurança também equivoca, né?

Alan - 0:58:34

Em todos os aspectos de lá pra cá também, né? A questão de dismantelar essa lógica. Ela nunca foi colocada seriamente na mesa. Entendo que isso acabou sendo uma via de mão dupla e que se retroalimenta o tempo todo.

Alan - 0:58:52

E isso foi tomando proporções cada vez maiores. E aí são essas tecnologias do tráfico, sabe? De estar estruturado, organizado. Organizado não é o tráfico da favela que é organizado.

Alan - 0:59:09

É o tráfico que se utiliza da favela para sua lógica maior. Esse que é organizado. Porque aqui nós temos os varejistas. Até aqueles que se dizem dono, poucos fizeram o papel desse esquema organizado que é para além da favela.

Alan - 0:59:29

Talvez Fernandinho Beiramar tenha sido uma exceção, sabe? De estar num outro patamar para além das favelas. Porque aqui o que faz é o varejo. Agora a grande lógica do tráfico não está aqui dentro.

Alan - 0:59:46

E ninguém está querendo mexer nisso. Tem outros interesses envolvidos aí que ninguém está mexendo. Vou ler o livro da Paloma para entender um pouco melhor

Wikifavelas - 0:59:56

Isso. Obrigatório.

Alan - 0:59:59

Mas é isso. Eu acho que hoje tem muito mais dificuldade. Eu acho que a juventude ainda é seduzida pelo tráfico. Ao mesmo tempo, a precarização do trabalho em todas as áreas. Ela chegou no tráfico também.

Alan - 1:00:16

Há uma precarização, mas também não há alternativa. Todo mundo está caindo na precarização do trabalho. Ou seja, em diversos locais. Todas as frentes. Todas as frentes, inclusive o tráfico. Antes se ia para o tráfico porque se ganhava em uma semana o que o pai estava ganhando em um mês.

Alan - 1:00:42

Eu lembro que se fazia essas contas, sabe? Quanto que o tráfico está ganhando, quanto que o cara que vende ali ganha, coisa e tal. Esse sempre foi papo dentro das favelas. E era uma diferença enorme. Quando você pensa em salário mínimo, era uma diferença gigantesca.

Alan - 1:01:00

Hoje não existe mais isso. Hoje a lógica da precarização do tráfico está de tal maneira que está colocando... É mais uma outra lógica que está se colocando para esses jovens como o

lugar da morte. Isso tem a ver também com a questão do suicídio. Porque tudo, agora, não há aquela coisa de devor batida policial, o tráfico banca aquilo.

Alan - 1:01:22

Quem banca é quem está ali. Se levou sua carga, é você que vai ter que pagar. Então a porrada de jovens que estão no tráfico hoje, não é só aqui não, em várias favelas. Os jovens estão trabalhando para pagar dívida. Não trabalham mais para poder ganhar dinheiro.

Alan - 1:01:38

Trabalham para pagar dívida. E isso está uma lógica enlouquecida. Você tem 2, 3, 4 pessoas dentro de uma favela gigantesca que ganham no tráfico. Mas a grande massa está ali... Extremamente precarizada. Quem não deve, ganha muito pouco.

Alan - 1:01:56

Mas a grande massa dos meninos que estão no tráfico, no varejo do tráfico, estão ali para pagar dívida. E aí essa lógica das operações, além de todos os outros aspectos em relação ao tráfico, só precariza mais ainda esse processo.

Alan - 1:02:12

Porque é uma lógica que vai funcionando de forma que esses jovens vão ficando cada vez mais expostos. Cada vez mais sem perspectiva de vida. Claro que isso é uma leitura de vivência de observação. Pode ter outras leituras e outras formas de ver isso.

Alan - 1:02:31

Mas eu acho que a gente tem hoje... Cada vez mais está se acirrando essa dificuldade em relação à juventude na favela. E isso só vai se resolver, a meu ver, com uma política pública muito ampliada. Uma política pública universalizada, voltada para a juventude.

Alan - 1:02:48

A gente não tem perspectiva hoje em relação a isso.

Wikifavelas - 1:02:52

A sua fala me provoca a te pedir para falar um pouco sobre a conjuntura. A favela é apresentada à globalização, vamos dizer assim, a partir da cultura, com a música negra, década de 70, 80.

Wikifavelas - 1:03:11

A partir do futebol, as copas, se percebe fazendo parte de um mundo. Acho que eram três pontos muito específicos. E do narcotráfico.

Wikifavelas - 1:03:28

Muito mais a partir do final da década de 1980. Em 1990 a gente descobre o Pablo Escobar. Chega a cocaína. O tráfico ganha força. Muda, reconfigura a favela.

Wikifavelas - 1:03:47

Você fala isso. Antes era maconha e um oitão. E a favela passa a conviver com mortes que aumentam. As guerras por território. E aí você tem 2007 na sua fala. 2007 até agora.

Wikifavelas - 1:04:03

16 anos. 2023. Passando pelo PAN, passando pelo PAC, Olimpíadas. Eu queria que você falasse sobre tudo isso. Em diálogo com o contexto que a gente está vivendo hoje. Um 2023. Onde a gente tem novamente a mesma forma de organizar a segurança pública.

Wikifavelas - 1:04:25

Aqui no Rio de Janeiro, com ocupação. A gente está vivendo uma ocupação. E ao mesmo tempo nesse mundo globalizado. A gente está vivendo uma crise. No mundo do trabalho. Uma extrema precarização. Uma guerra. Duas guerras.

Wikifavelas - 1:04:43

Muitas outras. Duas guerras que tem ocupado o noticiário. Que é a Ucrânia e a Rússia. E agora a Palestina e Israel. Ou Israel e a Palestina.

Alan - 1:04:56

Eu acho que a gente... Durante... Pegar pelo eixo da segurança pública. Começar por aí. A gente tem todo o período da ditadura.

Alan - 1:05:12

Que eu acho que é um período que a gente precisa ainda resgatar. A história e a memória da favela nesse período. Por isso que nossas referências comunistas são tão importantes. Seja de quem que já foi.

Alan - 1:05:29

[Incompreensível]. São pessoas que têm história para contar sobre esse período. Que é muito apagado. O povo oprimido da ditadura.

Alan - 1:05:46

Historicamente registrado. É a classe média. Não é a favela. A favela nem aparece nesse período. É completamente apagado. Tem algumas produções. Tem um menino lá na Rocinha que está fazendo a dissertação de mestrado dele. Sobre a questão do período da ditadura na Rocinha.

Alan - 1:06:04

Tem alguns estudos. Mas é muito precário ainda. Tem muita coisa para se constituir a partir desse período. Esse é o primeiro ponto que a gente precisa entender melhor. Esse período da ditadura nas favelas. Mas pegando a partir do processo de redemocratização. A gente teve de lá para cá.

Alan - 1:06:21

Vários governos do Rio de Janeiro. Com várias políticas de segurança. Desde o Brizola. Olhando a retrospectiva. A gente consegue olhar para o Leonel Brizola.

Alan - 1:06:39

Como talvez a pessoa, a meu ver. Que melhor fez a leitura de que o tráfico era uma questão de varejo. E que a forma de atuação. Não deveria ser o processo de operação sistemática.

Alan - 1:06:55

Colocando todo mundo em risco. Então teve ali uma política de segurança. Que não tinha lá tanta eficácia. Mas ao mesmo tempo não tinha tanto enfrentamento. De lá para cá. A gente passou por tantos governos. Desde Marcelo Alencar.

Alan - 1:07:11

Garotinho. Rosinha. Até hoje. Sérgio Cabral. Todos. Cada um teve sua política de segurança. Alguns fez alguns ensaios interessantes. Antes de chegar ao governo.

Alan - 1:07:27

O Garotinho fez um ensaio interessante. Com o Luiz Eduardo Soares. De pensar uma nova política de segurança. Sobre outros aspectos. Então teoricamente. Foi, a meu ver, bem

formulado. Mas na prática. Isso teve até uma ruptura entre os dois. Porque a realidade política.

Alan - 1:07:45

A lógica política das gestões de segurança pública. Não permitiu avançar. Nas reflexões do Luiz Eduardo Soares. Mas a gente sempre. Todo o momento. Não teve nenhuma mudança significativa. Estrutural. Das políticas de segurança.

Alan - 1:08:03

Ela mudava de roupagem. O que é o UPP hoje? Se não. Uma coisa mal acabada do GEPAI. Sabe?

Alan - 1:08:18

Porque eles estão ali. Em cada ponto. O tráfico está tomando conta de todos os restantes. Era assim que funcionava o GEPAI. Eles têm licença para estar aqui. Eles têm uma negociação. Não declarada. Com o tráfico para estar aqui.

Alan - 1:08:35

Porque não tem lógica nenhuma. O que está estabelecido hoje é a mesma coisa que teve no GEPAI. Em que tinha um lugarzinho. Em que eles chegavam. Saíam daquele lugarzinho e iam embora. É isso que está acontecendo hoje. Em todas as UPPs. Não acrescentou em nada.

Alan - 1:08:52

O que é recorrente. É a criminalização da pobreza. É a criminalização do território. É colocar os moradores de favela. Todos no mesmo balaio de gato. É o lugar do mal. E isso permanece.

Alan - 1:09:08

Essa narrativa. De enfrentamento. Constante. Direto. E eu acho que a gente não tem nenhuma possibilidade de avançar. Em relação a isso. Dentro da lógica que está estabelecida.

Alan - 1:09:24

Quando a gente pensa que vai avançar. Num processo. Parece que tem um ambiente. E uma pressão. Para voltar a fazer a mesma coisa com outros nomes. Estou falando do atual governo. Federal.

Alan - 1:09:41

Esse governo federal. E aí pegando já. Nesse embate da questão. Das guerras que estão acontecendo. Primeiro. Na favela isso não é uma guerra.

Alan - 1:09:57

Não considero que seja guerra. É um processo de opressão sistemática. E que impacta diretamente. A população de favela. Porque é da favela. Porque não está na representação. Nos espaços de decisão.

Alan - 1:10:13

Não está nos lugares que toma providência na sociedade como um todo. Outros tomam decisões sobre a favela e na favela toma decisão sobre a favela. E isso faz com que. Você não tenha a mesma desrespeito.

Alan - 1:10:29

Com os moradores. Com as pessoas. Como é nos outros espaços da cidade. Porque nos outros espaços da cidade. As pessoas são representadas. No espaço de poder. De decisão. Por isso que eu acho que é fundamental

Alan - 1:10:47

estar nos espaços de decisão. Isso precisa crescer. Nesse sentido. Para quem está na luta. Sobre as favelas. Então eu acho que. Esse é um lugar que vai ser sempre oprimido o tempo todo.

Alan - 1:11:03

Por falta de ter. Uma história. Que esteja. Colocado para a sociedade. O contexto e a conjuntura. O contexto histórico da favela. Eu acho que ele precisa ser assimilado. Pela sociedade como um todo. Ainda vivemos nessa narrativa.

Alan - 1:11:21

Da favela. A favela sendo uma coisa menor. Uma coisa pior. Uma coisa do mal. Uma coisa ruim. Essa narrativa é propagada. Ainda na sociedade como um todo. A gente precisa fazer todas essas disputas para que a gente possa mudar o cenário.

Alan - 1:11:37

quem sabe em algum momento. Mas hoje a gente não consegue. E aí a gente tem. Essa

política de segurança que ela se repete de forma sistemática, sem mudar nenhuma forma estrutural. Mesmo quando já tem movimentos. Colocando quais são as principais questões

Alan - 1:11:55

e possibilidades. De outras formas de atuação. E aí a gente está falando. De uma política nacional. Junto aos estirados. Uma política que queira fazer. Esse tipo de enfrentamento. Mas não há vontade política. Nem neste governo novo.

Alan - 1:12:10

Do governo federal. Nem o atual governo. Que se sinalizou sensibilizado com as favelas. Mas que não coloca na mesa. Um diálogo sobre isso. Semana passada. O atual secretário.

Alan - 1:12:26

Nacional de Justiça e Segurança Pública. Fez um encontro no Rio de Janeiro. E ele coloca nas redes sociais. Que sentou para conversar com os movimentos sociais. Quem era o movimento social que estava sentado para conversar. Sabe quem era? Era o sindicato dos hotéis. Era o sindicato.

Alan - 1:12:43

Do turismo. Do turismo no Rio de Janeiro. Isso ele estava chamando de movimento social. Para justificar a vinda das forças, da guarda nacional para o Rio de Janeiro. A força policial nacional.

Alan - 1:12:59

Isso ele estava chamando de movimento social. Não há esse diálogo. Com o movimento social. Sobretudo das favelas. O que há é um rejeição sistemático. E é uma esquiva. Quando é para ter o enfrentamento direto. Da política de segurança.

Alan - 1:13:15

Hoje a gente vive. Um escamoteamento. Eu estou falando isso porque. A política de segurança do Rio de Janeiro pediu ao Governo Federal para que tenha apoio nas operações. Como sempre. Nas favelas,

Alan - 1:13:31

sobretudo na Maré, Cidade de Deus. E ele, o Governo Federal, por pressão do movimento social. Junto a justiça. Ele recua. Em duas semanas ele recuou. Porque ia ver se estava.

Alan - 1:13:46

Atendendo a ADPF. Tudo que é luta da favela. O discurso é. Estamos respeitando. Os movimentos de favela. Estava subentendido isso. Então a gente só vai mandar. Quando isso tiver resolvido. Ao invés de fazer esse enfrentamento.

Alan - 1:14:05

Com o governo estadual. Que precisa se mudar. Essa forma de lidar. E eles sabem disso. Eles criam um mecanismo. De vir para o Rio. Mas não colocando para si.

Alan - 1:14:22

Essa responsabilidade da opressão. Nas favelas. O governo federal traz as tropas. E coloca nas estradas. Mas quando ele coloca nas estradas. Ele libera outros para fazer a opressão. Então ele se escamoteia. Ele não coloca na mesa. Uma discussão sobre.

Alan - 1:14:39

Outras formas. De pensar segurança pública. Não se traz diretrizes. Não se debate. Outros perspectivas. O que se coloca é o mesmo. Se a gente for fazer alguma crítica. Mas a gente não mandou nenhuma tropa.

Alan - 1:14:56

Para invadir a favela. Para poder desrespeitar a DPF. A gente ficou lá. Dando suporte. Nas estradas. Isso é papel da segurança. Da polícia federal. Mas se escamoteia. Porque não se coloca na mesa.

Alan - 1:15:11

Uma discussão que é tão necessária. A discussão na favela. Segurança pública. Para tentar. Fechar esse primeiro momento. Ela só precisa ter um elemento.

Alan - 1:15:27

Que seja a base. Para pensar segurança pública. Direito à vida. Qualquer coisa que não levar isso em consideração. Tem que se repensar.

Alan - 1:15:42

Qualquer coisa. É o direito à vida. As pessoas precisam viver. Se a gente tem uma política de segurança. Que tenha isso na sua centralidade. Talvez possa começar. A ter alguma

alternativa. Eu estou falando de vida.

Alan - 1:15:58

Não estou nem falando das outras questões. Dos outros impactos. As crianças que não vão para a escola. E quando vão. Elas já estão com tanta. A sua saúde mental. Está tão abalada. Aí voltam outros elementos.

Alan - 1:16:13

Daquele ciclo de problemas. Como é que a pessoa vai se desenvolver intelectualmente. Num ambiente, num contexto desse. A doutora Mônica está ali. Atende fisioterapia. Ela atende as pessoas que pegam reflexo desse ambiente. Tenso, constante, permanente a

Alan - 1:16:31

a quantidade de AVC nas favelas. O índice é muito maior do que o restante da cidade. Pessoas jovens morrendo com problemas cardíacos. Com AVC. Várias questões que tem a ver com a questão do contexto. Que não é só a bala em si

Alan - 1:16:47

que mata e que fere. Mas tem também. Outras doenças que estão surgindo. Doenças psicossomáticas. Que estão acontecendo dentro da favela. E de número cada vez maior. Então o impacto da favela. Se dá em várias dimensões.

Alan - 1:17:03

Não é só a operação em si —que já é grave — porque coloca a vida em risco de toda a população. Mas é todos os outros contextos que vem trazendo. Pegando esse paralelo. Você estava fazendo uma crítica ao governo federal que escamoteia a sua responsabilidade

Alan - 1:17:19

de se pensar uma política nacional. Em que as periferias. Favelas. Vilas. São nomes tão diversos no Brasil. O governo federal não pode mais escamotear. Tem que puxar essa responsabilidade para ele.

Alan - 1:17:36

A responsabilidade é do estado. A segurança pública. Mas o governo federal pode e deve. Construir. Diretrizes. Que embasam. A questão da segurança pública. Senão não teríamos o Ministério de Segurança Pública. Não teria sentido.

Alan - 1:17:52

Se não tem uma função que possa nortear. E dar uma unidade sobre determinadas questões. Sobretudo valorizando. A própria constituição. A democracia. Os princípios. E direitos básicos. Tudo isso está garantido formalmente

Alan - 1:18:11

nas leis. Então o governo federal tem que prezar por isso. E enquadrar as políticas de segurança que estão matando pessoas pelo próprio poder do estado. O estado matando pessoas dentro das favelas. Então ele não pode escamotear mais isso.

Alan - 1:18:25

Precisa sair dessa forma de atuar que não coloca na mesa. E aí ao mesmo tempo. Que faz esse escamoteamento. Nesse exemplo aqui do Rio de Janeiro. Agora que está acontecendo. Nesse momento. Ao mesmo tempo faz aquela divulgação.

Alan - 1:18:43

Aquela proposta. De paz. Seja para a Ucrânia. Ou seja para a faixa de Gaza. E aí é um governo que para fora tem um discurso e uma conotação de não opressão

Alan - 1:19:03

aos povos mais desfavorecidos, digamos assim, com menos força. Então aí para fora. É que tem um discurso de política externa que não casa.

Alan - 1:19:20

com a política interna. Que se tem nas favelas. Apesar que volto a dizer para mim nas favelas não é uma questão de guerra. É uma outra. Tem que ter outras denominações. Porque na guerra você tem dois lados que são opostos.

Alan - 1:19:37

Que estão se enfrentando. Mas de toda forma. Dá para fazer uma analogia. Muito mais na crítica. De como o governo federal tem se comportado de uma política externa sobre a opressão em lugares que tem as fragilidades socioeconômica, política, cultural,

Alan - 1:19:53

ambiental. E para dentro: Continua deixando correr solto as violações e a garantia do direito à vida dentro das favelas. E ele precisa assumir esse lugar. E eu acho que isso ainda. A gente

vai ter uma

Alan - 1:20:09

um percurso aí longo. Para poder conseguir isso. Porque essa questão da representatividade. Eu acho que ela é importante. A gente tem que massificar mais. Os lugares de decisões. Na perspectiva das favelas. E as periferias do Brasil. Estou falando de quilombolas, de aldeias.

Alan - 1:20:24

De vilas, de ribeirinhos. Das periferias. Vilas, favelas. Todos esses espaços. Quando a gente está em ambientes coletivos. A gente fala que. Essa questão da opressão. Isso nos une.

Alan - 1:20:40

Porque todas essas denominações. Seja quilombola, aldeia. Favelas, outras periferias. As nossas lutas são as mesmas. Em relação às opressões. As opressões ocorrem por força do Estado em todos esses espaços da população mais vulnerabilizada.

Alan - 1:21:00

Então a gente precisa ter uma mudança significativa. E eu só vejo a saída. Se a gente tiver uma força maior nos espaços de tomada de decisão. Porque não vão tomar uma decisão dessa por nós. Então nós que precisamos. Estar nesses lugares de decisão

Alan - 1:21:17

para poder ter alguma mudança significativa.

Wikifavelas - 1:21:21

Sua fala. Muito provocativa. Todo mundo aqui excitadíssimo com as suas colocações, mas eu queria que você falasse um pouquinho sobre os lugares de memória. Assim,

Wikifavelas - 1:21:34

quando você fecha o olho, agora na nossa conversa, os lugares de memória que de alguma maneira impactaram a sua vida. Fala um pouquinho para a gente. Desses lugares de memória. Do que te remete

Wikifavelas - 1:21:51

cada lugar desse. Dos mitos, dos seres míticos da favela. Lá no Borel tinha a Mulher Loura.

Alan - 1:22:00

A Biloca. Aqui também. Tinha não. Na verdade ainda tem. O Lobisomem. Tinha uma mulher aqui. Eu tinha medo dela.

Alan - 1:22:16

Eu morria de medo dela. Mas ela não era nada demais. Ela era uma pessoa na idade que tem problema síquico. E era uma pessoa, que era anormal a postura dela

Alan - 1:22:33

em relação às outras pessoas. E eu criança. Eu tinha medo dela. Da forma que ela chegava até a gente. A forma dela falar. Aquilo me dava medo. Mas a coisa de criança. E os meus tios. Que eram mais ou menos da minha idade.

Alan - 1:22:49

Eles eram a peste. Eles eram a peste. Quando a gente estava ali. Aqui na rua. A gente estava jogando bola. A mesina estava vindo lá embaixo. A mesina estava vindo. Eu corria para casa.

Alan - 1:23:05

Me escondia no quarto. E escondia embaixo da cama. E ficava lá até a mesina passar. Para eu voltar a jogar bola. Mas as peste dos meus tios. Que eram a mesma idade que a minha. Eles convidavam ela para ir tomar café. Aí levava ela lá para casa. E a mesina era uma pessoa boa.

Alan - 1:23:22

Depois quando eu cresci. Isso foi desconstruído. Era uma pessoa extremamente boa. Era o medo. Porque eu acho que eles. Que me colocavam medo. Talvez eu tenha estranhado. No primeiro momento. E eles começaram a incentivar isso.

Alan - 1:23:40

Então a mesina era uma pessoa. Que depois eu fui ver. Uma pessoa boníssima. Mas ela tinha problema mental. E falava de uma forma diferente. E a mesina era uma pessoa. Que todo mundo adorava. Só eu que tinha medo. Então é uma pessoa que me marcou na infância. Essa

foi a primeira pessoa que me marcou.

Alan - 1:23:57

Uma outra eu não conheci. Mas me marcou. Só de contar sobre isso. E aí eu posso aqui também. Pecar um pouco na questão do politicamente correto. Que meu pai contava. Que quando.

Alan - 1:24:15

Antes dele casar. Ele ainda era jovem aqui. Ele. Tinha uma outra mulher aqui. Que tinha. Uma ginástica um tanto quanto avantajada.

Wikifavelas - 1:24:27

Mas a favela não é nada politicamente correto.

Alan - 1:24:29

Exatamente. E aí ele contava. Que os primos mais novos dele. Sentava. E subia na bunda da mulher. Eu ficava imaginando aquilo. E aquela imagem.

Alan - 1:24:45

Ia sendo construída na minha cabeça. Mas eu nunca conheci essa mulher. Ela morreu antes. Ou saiu daqui. Essas foram algumas figuras. Mas teve. Quem eu peguei agora. No meu retorno. De 98 pra cá.

Alan - 1:25:01

Também tinha algumas figuras. Tinha o Durle. Que eu falei que hoje ele é alcoólatra. E sumiu agora durante a pandemia. Ele desapareceu. O Durle. O Durle é aquele meu amigo de infância.

Alan - 1:25:16

Que carregou a primeira caixa de cerveja. Ele se tornou líder do grupo. E o Durle depois de adulto. Se tornou uma pessoa extremamente divertida. Aonde ele chega. Todo mundo brinca. Ele canta, ele dança. Ele brinca com todo mundo.

Alan - 1:25:34

E infelizmente ele desapareceu completamente. A família não conseguiu achar. Tem um ano e pouco que ele sumiu. Era uma outra pessoa também. Interessante aqui na favela. Mas

ninguém supera a Dalila. A Dalila era uma figuraça. Com aquelas pessoas que

Alan - 1:25:50

colocam colares. Criam colares do nada. Com coisas. A roupa é toda feita. Confeccionada por conta própria. Mas a Dalila ao mesmo tempo era combativa. Ela não podia ver uma luta. Podia ter uma manifestação da favela.

Alan - 1:26:05

Ela tomava a frente. E tocava a parada. Tocava o terror. A Dalila era uma pessoa que. O Renato e a Semana estavam me contando sobre isso. Que teve uma manifestação. E a polícia começou a reprimir. Na adolescência dele e dela.

Alan - 1:26:21

Os dois. O Renato falou assim. Vamos embora Dalila. Quando a Dalila. É isso mesmo, vamos ocupar. A Renata falou que na hora que eles foram pra frente. Só tinha ele e a Dalila. Ninguém foi. Ficou ele e a Dalila lá enfrentando.

Alan - 1:26:37

A Dalila era uma figuraça. Era um personagem. Dentro da favela. Eu acho que tem vários momentos. De lembrança de lugares. Como já falei aqui. O pomar que tinha do outro lado da rua. Do outro lado do muro.

Alan - 1:26:52

Aqui embaixo. Porque é uma fábrica que sempre existiu. Uma fabriqueta. E que os fundos do terreno dava para o muro. Que separa a favela da rua. Lá embaixo. E ali tinha. Ainda tem. Tinha muitas árvores frutíferas.

Alan - 1:27:09

A gente era proibido. Pela família. De pular o muro. Mas a gente pulava sim mesmo. Era mora. Essas lembranças. Elas são resgatadas. Hoje no cotidiano.

Alan - 1:27:25

Quando eu estou conversando. Lá com a Tainá. Secretária de Ambiente e Clima. Falando da Travessa Laurina. E falando da nova reforma da Avenida Central. A gente está discutindo lá. A arborização desses espaços. Um espaço que está ali todo cimentado.

Alan - 1:27:42

Já estamos discutindo de fazer um pomar. De ter a mora. De ter carambola. De começar a ter. Voltar. Porque na minha infância. Todas as casas tinham quintais. Tinham quintais. Tinham árvores. Tem um mês mais ou menos.

Alan - 1:27:59

Que uma pessoa veio me lembrar. De uma árvore. Não sei o nome da árvore. Mas era uma árvore gigantesca. Que tinha bem em frente a minha casa. Na casa do vizinho. A folha era uma folha grossa. Que você quebra a folha. E sai aquele leite dentro dela.

Alan - 1:28:16

Igual essa planta. Que sai um leite dentro dela. E aí. Agora a gente está querendo fazer. Um espaço ali. Que vai ser de um museu da favela. Querendo trazer. Um espaço físico para isso. Aproveitar essa intervenção.

Alan - 1:28:32

E ela trouxe. Por que a gente não tenta pesquisar. E coloca no projeto essa árvore. E retomar ela no mesmo lugar. Então tem essa lembrança. Que vai trazendo desses espaços. Que é aquele pomar. É o espaço de jogar bola na ladeira. Que é uma coisa própria da favela.

Alan - 1:28:49

De morro, de favela. Que a gente não tem mau tempo. Sempre no tempo do jogo. O time tinha vantagem. Porque jogava para baixo. E outro jogava para cima. Aí a gente invertia e ia jogando. Isso me lembra. Isso é bem legal.

Alan - 1:29:05

Mas como a gente sempre morava no morro. A gente não tinha campo. Aí tem uns conjuntos. Habitacionais. Que ele é todo igualzinho. Aquele azul e branco. Tem vários prédios. Azul e branco espalhado aí embaixo.

Alan - 1:29:21

Então a gente ocupava esses condomínios. Lá embaixo. A gente pulava muro. E era escondido. A gente ocupava esses espaços lá em cima. A gente ia descer aqui. 10 moleques. Tudo com 9, 10, 11 anos.

Alan - 1:29:36

E a gente ocupava os condomínios. Para jogar bola. E aí a galera deixava. Depois ocupava, deixava. Esse também era um espaço de memória que eu lembrava. Porque a distância hoje que eu vejo que é pequena. Nossa, a gente demorava para chegar. Demorava, demorava.

Alan - 1:29:52

Era longe. O outro espaço era uma igreja. Uma igreja evangélica que existe até hoje. A Igreja Batista. Que existe lá depois da Rua Barreiros. A minha tia, irmã do meu pai. Sempre foi evangélica. Então quando a gente ficava na casa dela, ela levava a gente.

Alan - 1:30:09

Então os domingos eu ia para a igreja. E ia para a igreja. Nossa, mas eu sofria. Porque era longe demais. Era muito longe. Mas tinha algumas coisas aqui dentro que eu gostava de fazer. Que era subir. Porque quando a gente morava aqui embaixo.

Alan - 1:30:25

Na segunda curva. A minha avó e minha mãe falavam. Sempre a gente não vinha aqui para cima. Não subia o morro. Mas só que a minha avó. Tinha um compadre. Que tinha uma... Uma tendia só de frutas. Ele era feirante.

Alan - 1:30:41

E ele vendia frutas e legumes aqui. Então ele tinha uma casa toda de madeira. Que ficava no final da rua. A rua não ia até o teleférico. A rua terminava ali em cima. A casa amarela. Ali a casa dele é que fechava a rua. E a minha avó fazia o almoço dele.

Alan - 1:30:59

E essa lembrança fica muito marcada. Aqui é a coisa do prato. Outro prato. O pano de prato amarrado aqui. E amarrado aqui. E eu se segurava assim. E subia esse morro aqui. Todo dia para levar o almoço do seu Manel. E eu adorava.

Alan - 1:31:16

Porque chegava lá. Ele dava uma maçã. Ele dava uma fruta. Então a gente ficava brigando. Quem ia levar a comida do compadre da minha avó. Do seu Manel. Então esses espaços de memória. Tem um também. Que eu não posso deixar de citar.

Alan - 1:31:32

Eu falei da igreja. Mas ao mesmo tempo que eu ia para a igreja de Domingos. Durante a semana. A gente brincava no centro espírita. Da minha tia. Aqui embaixo. E onde era o centro. É agora uma igreja também.

Alan - 1:31:48

Evangelica. Que sumiu também. Os espaços de matriz africana. Mas. A tia Tierenita. Ela tinha um centro aqui. Só que. Muitos becos também foram fechados.

Alan - 1:32:04

Com essa densidade. E ela tinha um centro. Aqui na rua. Mas ela saía no outro beco lá atrás. Então a gente brincava. De fazer isso. E era todo um varandão. Do tamanho desse terraço aqui. E todo feito de madeira.

Alan - 1:32:21

Então era. O barulho. A gente brincando ali. E corria assim. Era rua dentro de casa. E era o único lugar que a gente podia fazer tudo. O centro espírita podia fazer tudo. As crianças podiam fazer tudo.

Alan - 1:32:37

E lá a gente ficava à vontade. A gente gostava muito de ficar lá. Então tem bastante espaço. Você até me fez lembrar da tia Tierenita agora. Que nem lembrava. Então tem vários espaços aqui. E foi muito legal na minha infância. De vivenciar isso aqui.

Alan - 1:32:52

A Baiana não era ocupada. Era tudo mato. A Baiana foi ocupada. Já no começo da década de 80. Eu lembro. Do dia da ocupação da Baiana. Também é uma marca muito interessante.

Alan - 1:33:09

Porque o irmão do meu pai. Mais novo. Estava para casar. E ele não tinha lugar para morar. E aí ele foi lá marcar o terreno. E eu lembro da Baiana toda com aquelas marcações. E o barbante marcando. As casas.

Alan - 1:33:25

E aquela discussão. Aqui tem que ser rua. Aqui tem que ser bêbado. Não pode botar isso. E um monte de gente lá marcando. Então a ocupação da Baiana é uma coisa que me marcou.

Também. Enfim, tem várias questões aqui. Eu acho que se eu for marcar.

Alan - 1:33:41

Lembrar. São muitas lembranças aqui no Morro do Alemão. A gente vivenciou muita coisa. Vivenciei muito. Já puxando um pouco do trabalho que a gente faz hoje: o primeiro calçamento a auto urbanização dessa rua

Alan - 1:33:58

como a rua começava ali. Era todo domingo. Tinha mocotó. Tinha churrasco. E as pessoas. Trabalhava semana toda. Mutirão. Aí a pessoa trabalhava a semana toda. Colocava dinheiro pra comprar vergalhão.

Alan - 1:34:15

É igual laje. Eles faziam a rua igual faz laje. Botava aquele vergalhão. E todo domingo ainda faziam virar o concreto. Então cada domingo. Eu lembro que todo domingo eu subia. Cada domingo eram uns 10 metros que eles faziam. Só depois disso que o caminhão da bebida começou a subir.

Alan - 1:34:36

Então eu também lembro esse processo da primeira concretagem que teve aqui na Vila Central. E a gente era criança. Tudo era brincadeira. Tudo era zoeira. Vim pra cá, ficar na farra. Brincar naquele concreto.

Alan - 1:34:52

Comer aqui na rua. Ocupar a baiana. Tudo pra gente era um evento. Tudo isso pra gente era um evento. Não tinha conotação. Porque tem pra mim hoje essas questões. Mas era isso. A gente vivia aqui. Tinha muitas coisas que a gente vivenciava na infância.

Alan - 1:35:13

E são coisas que parecem banais. Hoje é visto como trabalho infantil. Mas pra gente tudo era brincadeira. Claro que a gente hoje reflete sobre essas condições que a gente estava colocado.

Alan - 1:35:31

O acesso aos direitos mais básicos. Isso não é divertido quando você entende esse processo. Mas no lugar da criança talvez até por ter falta de... não tinha área de lazer. Então ir... Ocupar

a área de lazer alheia pra gente era uma diversão.

Alan - 1:35:50

E a gente ocupava a área de lazer alheia. A gente ia pro Clube Paranhos aqui embaixo. Então era essa. Eu acho que era uma apropriação desse espaço e do que acontecia. E transformava isso em diversão. E aí, diversão mesmo era bola.

Alan - 1:36:07

Era o carrinho de rolimã. Que eu lembro que a gente descia aqui e minha mãe e minha avó, todo mundo falava que aqui era muito íngreme. E realmente, de vez em quando a gente batia nos muros aqui, se arrebentava tudo. Então, de vez em quando elas autorizavam a gente ir pra Sebastião de Carvalho.

Alan - 1:36:26

Que era onde vocês se encontraram lá embaixo. Que era a rua do lado. Que ali só tem uma descida mais leve. E era muito gostoso. Lá era quase o campeonato de rolimã. Eram várias pessoas. Vinha criança de tudo quanto era lugar pra Sebastião de Carvalho.

Alan - 1:36:42

Porque também, aos domingos a Sebastião de Carvalho, até hoje é, só que agora ninguém fecha mais. Era a área de lazer. Aquelas ruas que fechavam pra área de lazer, a Sebastião de Carvalho era a área de lazer. Então, domingo a gente ia pra lá também, na parte da manhã pra brincar. Eram muitas coisas aqui.

Alan - 1:36:59

Era muito esquentado.

Wikifavelas - 1:37:02

Você, sonhador, tô vendo aqui que você trouxe uns materiais que tem a ver com esse lugar que a gente tá, que é o Raízes. Eu queria que você falasse um pouquinho disso aqui, do Raízes. O que você trouxe pra gente.

Wikifavelas - 1:37:16

Por que isso aqui foi tão importante pra você trazer pra gente?

Alan - 1:37:20

Eu trouxe um pouco algumas publicações que a gente tem feito agora. Porque eu acho que toda essa história que eu tô contando aqui, essas lembranças que eu tô tendo aqui nesse bate-papo foi o que também me motivou a fomentar esse grupo.

Alan - 1:37:44

Começo como Grupo Sociocultural Raízes em Movimento. Hoje é Instituto Raízes em Movimento. Porque era exatamente toda essa movimentação, essa vivência, inclusive quando surgiu o Raízes em Movimento. O próprio nome surge a partir dessas, um pouco de tudo que eu falei.

Alan - 1:38:02

Porque a gente começou a pensar qual o nome que a gente daria ao nosso grupo, que já tava atuando, já tava fazendo alguns trabalhos pontuais. E aí a gente começou a pensar tem que refletir o que a gente é. E o que a gente é? A gente é daqui, então a gente é raiz. Mas só que naquele momento, 2001, a Raízes tava muito vinculada à luta com recorte racial, coisa e tal.

Alan - 1:38:26

Tá, mas a gente não tá, esse não é o nosso foco. O nosso foco é um pouco melhorar a qualidade de vida, se articular na cidade, pra que a gente tenha mais força com outros atores. Já era isso no início. Então a gente aquele jargão que a gente utilizou há muito tempo, destruir muros e construir pontes.

Alan - 1:38:53

Nessa vibe. Então nós somos raízes, mas a gente quer se movimentar na cidade. E aí surgiu Raízes em Movimento. Que é um contrasenso em si próprio. Raízes... A gente pensou em raízes que se movimentam, mas a gente fechou Raízes em Movimento e a gente é muito feliz até hoje.

Alan - 1:39:11

Nunca tivemos questionamento sobre isso. O Raízes, ele também tem 22 anos. A gente construiu vários caminhos, fomos construindo uma identidade durante esse processo. E eu acho que ele traduz muito o que a gente viveu, o que teve de vida de cada um de nós que fomos compondo o Raízes e também o que a gente está querendo construir.

Alan - 1:39:40

Sabe? Aí volta a questão do sonho. O que a gente quer construir? Como que a gente quer a

nossa favela no futuro? Então acho que essas produções aqui tem muito a ver com isso. Quando a gente está falando de processo participativo, de gestão compartilhada, de definir os nossos próprios rumos.

Alan - 1:40:02

Por exemplo, essa praça que está aqui em frente. Essa praça a gente construiu com os diversos conhecimentos. O conhecimento técnico, o conhecimento do pessoal da faculdade de arquitetura. A gente foi construindo escutando o morador. Então foi um processo de construção com diversos saberes.

Alan - 1:40:19

E a gente foi registrando isso, porque a gente entende que é uma metodologia que pode ser replicada em outros espaços de favelas. E que é possível você ter qualidade técnica de projetar espaço e de processo participativo, que a gente não conseguiu fazer no PAC, por mais que a gente lutou.

Alan - 1:40:35

E aí sempre a questão era desvalorizar o conhecimento da favela. Saberes locais. Saberes locais e desvalorizar. Sempre é falar isso não é viável tecnicamente. E aí isso também vai nos provocando também.

Alan - 1:40:51

E aí a gente se aproxima cada vez mais do conhecimento técnico, criando arenas para os conhecimentos dialogarem. E aí a gente construiu essa praça. Antes de construir a praça, a gente também queria entender como nos vinham as pesquisas, o que tinha sido construído de conhecimento sobre o complexo do Alemão.

Alan - 1:41:16

Então a gente mapeou 181 trabalhos, teses, dissertações. Isso é uma grande bibliografia de tudo que tinha sido produzido nos últimos 40 anos sobre o complexo do Alemão. Então, primeiro, se a gente quer questionar e quer qualificar o conhecimento produzido sobre o Alemão, primeiro a gente tem que conhecer o que foi produzido sobre nós.

Alan - 1:41:34

Então esse trabalho aqui a gente fez também junto com a Faculdade de Arquitetura, que era parceiro, e a gente construiu essa bibliografia comentada. Então, e é sempre nesse processo de construir coletivamente, porque aqui foi uma rede de pesquisadores locais e pesquisadores de fora que pesquisavam o Alemão, e que a gente fez a releitura de todo esse

material e fizemos comentários críticos sobre ele.

Alan - 1:41:59

Então é uma bibliografia comentada sobre o complexo do Alemão. Então sempre esse viés do coletivo sempre traz de estar junto a ideia de estar fazendo registro, de caminhar sobre... Inclusive isso aqui é sobre o dicionário de favela, sobre os verbetes sobre o complexo do Alemão.

Alan - 1:42:17

Então a gente vai também traduzindo isso também para massificar o que a gente produz, o que a gente faz, algumas histórias sobre a própria favela, pesquisas sobre as favelas, ilustrações. Então a gente vai tentando também fazer um diálogo um pouco mais massificado.

Alan - 1:42:42

Elefante branco caindo de paraquedas são as políticas públicas. Muito bom! Então é um pouco esse diálogo que a gente tem tentado de trazer propostas... Vou pegar. Propostas para o poder público mas de uma forma dialogada, de construir a partir de dentro.

Alan - 1:43:03

E aí a última publicação nossa é essa. Essa agenda. Cada proposta colocada aqui, como a gente estava falando, do global e do local. A gente também refletiu para que tenha todos os objetivos de desenvolvimento sustentável.

Alan - 1:43:21

É global. Cada uma das propostas aqui está dialogando com o que está se pensando de desenvolvimento global da sociedade como um todo. Então produzir um material desse é produzir um trabalho coletivo. Esse aqui é parte do espaço coletivo que nós temos no Alemão hoje, que é o Fórum Popular do Complexo do Alemão.

Alan - 1:43:43

Hoje tem 23 organizações dentro desse plano e a gente construiu ele num processo gradativo e que envolveu muitos anos, alguns anos de conhecimento sobre o próprio território. Então a gente fez uma grande pesquisa durante dois anos sobre percepção do morador, sobre as principais políticas públicas.

Alan - 1:44:04

A gente depois fez um curso sobre história e memória resgatando as lutas, toda essa história de lutas do Complexo do Alemão. E quem dava as aulas era a Marisa, era a Lúcia do CAP. A gente estava dando aula. Quem eram os alunos? Eram os médicos, os enfermeiros, os arquitetos.

Alan - 1:44:22

Eles eram alunos pra entender um pouco a vida social na favela, como é que se constitui. Hoje eu estou dando aula na Faculdade de Arquitetura, na Residência Médica, na Residência Multiprofissional, na Faculdade de Odontologia, tudo dando aula sobre favelas.

Alan - 1:44:38

Porque aqui no plano, os moradores começaram a criticar como eles eram atendidos nos equipamentos de saúde, como os filhos deles são atendidos na escola. E a crítica das mães na favela sobre isso é que esses profissionais que atendem a favela, eles precisam entender melhor o contexto e a vida social da favela, como ela é constituída, quais são as suas fragilidades, quais são as suas vulnerabilidades, e como isso foi se constituindo historicamente.

Alan - 1:45:08

Então por isso que... Essa é uma das pautas que não é só do Poder Público, essa é uma agenda para a sociedade, e que nós também temos alguns papéis, e um dos papéis é esse, de fazer com que a formação de profissionais que vão atuar em favela, eles precisam conhecer o que é a favela, qual é o seu histórico, qual é o seu contexto.

Alan - 1:45:31

E a gente está tentando agora já avançar para que isso se torne matéria obrigatória dentro dessas universidades, pelo menos ter esse tópico sendo trabalhado. Então assim, essa agenda é uma agenda que agora está na incidência política.

Alan - 1:45:49

Então a gente tem dialogado numa agenda que a gente consegue fazer com que as organizações tenham uma pauta prioritária, unificada, no alemão, porque, como a gente estava falando lá no início, da compartimentalização da vida, ela se dá, inclusive, nas organizações sociais.

Alan - 1:46:10

Cada uma é compartimentalizada e vive seus próprios nichos separados. E aí, o que o Raízes faz para pensar o Alemão, é diferente do que outra organização faz. E se a gente não promove uma arena, está colocado essa diferença, porque essa diversidade é rica, só que a gente precisa ter uma unidade de luta, porque o inimigo é grande demais.

Alan - 1:46:36

Ele precisa ter uma unidade de luta, porque senão, essa fragmentação interna de cada um lutar por si, a gente acaba não tendo força para avançar minimamente. E aí, isso tem demonstrado que foi uma boa estratégia. E o Raízes sempre foi fomentador dessas arenas coletivas no Alemão.

Alan - 1:46:55

A gente foi fomentador lá. A gente nasceu a partir do Consa. O Consa foi uma experiência em 2000, o Raízes nasce em 2001. De lá para cá, a gente teve o Comitê de Desenvolvimento Local da Serra da Misericórdia, teve o Juntos pelo Complexo e agora tem o Fórum Popular do Alemão.

Alan - 1:47:13

Todos esses espaços coletivos, a gente estava ali como fomentador, estimulando, entendendo que esse poderia ser um caminho que nos daria alguma saída. E a gente tem visto este ano, claro que o momento político também permite e contribui, mas a gente tem visto que isso aqui foi uma estratégia que está dando êxito, tendo êxito.

Alan - 1:47:39

Então, pensar em espaços coletivos, trazer aliados a partir de conhecimentos produzidos desse território, das vivências, das suas memórias, trazer a memória para o futuro. A gente adora trabalhar com o contrassenso das palavras.

Alan - 1:47:58

É raiz do desenvolvimento, é memória para o futuro.

Alan - 1:48:02

Porque é isso, porque a gente precisa conhecer a história para avançar. O curso foi muito importante, aglutinou não só dentro desse curso, as organizações tinham pessoas ali fazendo o curso, tinha moradores não institucionalizados, que é esse morador que não está ligado a nenhuma organização local, tinha esses profissionais que prestam serviço público

para o Complexo do Alemão, tinham pesquisadores e criou um coletivo que foi possível, isso foi em 2021, em 2022, ano passado, a gente conseguiu construir o plano e esse ano estamos tirando do papel.

Alan - 1:48:40

Então a gente já conseguiu tirar 2.400 unidades habitacionais com compromisso com o Ministério das Cidades, conseguimos tirar uma luta de 12 anos que é o Instituto Federal no Complexo do Alemão, que já vai começar a construir agora. A gente conseguiu avançar nesse diálogo, de debate, discussão e desenvolvimento de diversidade de atores numa gestão compartilhada de intervenção urbanística, aliado à universidade, porque a universidade onde estou fazendo o doutorado, não só lá, mas a discussão de planejamento urbano tem se avançado de que intervenção urbana, a urbanização não pode mais ser projeto,

Alan - 1:49:20

ela é processo e elas são camadas que tem que ser colocadas. Então, avançando, tanto com o conhecimento local, com as lutas, mas também com o conhecimento científico de debates e discussões de décadas da universidade sobre a urbanização de favela, a gente está aliando esses conhecimentos e tentando impactar na gestão pública, que ainda é muito arcaica, como eu falei anteriormente, mas a gente tem avançado com a diversidade de atores envolvendo dentro desse processo.

Alan - 1:49:51

Então, e aí eu acho que isso pode resumir um pouco esse momento que a gente está vivenciando hoje, talvez seja o caminho possível do Alan Soriano de pensar mudança significativa. Então, por isso que nossos trabalhos, os livros publicados, sempre tem muito uma perspectiva de registrar em livro, porque todos eles são formas de metodologias que podem ser replicadas.

Alan - 1:50:17

É socializar essas experiências. Fiquei sabendo agora, mês passado, que a Rocinha está fazendo a bibliografia comentada, que há dois anos ele me convidou, o Rafael Soares me convidou, para ir lá na PUC discutir com a galera da Rocinha que faz faculdade lá.

Alan - 1:50:33

Eu fui apresentar como é que a gente construiu esse processo, que por sua vez bebeu da fonte da Alicia Valadar. E eles estão bebendo da nossa fonte para fazer o da Rocinha, que vai sair agora. Daqui a um mês, um mês e pouco, eles estão lançando. Então, esse daqui, esse processo aqui, tivemos treze outras favelas, que não é Complexo do Alemão, participando

em algum momento desse processo.

Alan - 1:50:54

Foram nove encontros, depois teve mais um fórum geral para fazer a intersectorialidade, para depois sistematizar e fazer isso aqui, esse plano. Agora, a gente está dialogando, a Secretaria Nacional das Periferias quer que o Raízes comece a fazer um trabalho de fomento em outras favelas.

Alan - 1:51:14

Mas só que as treze favelas que participaram, já estão começando a fazer. Rio das Pedras está fazendo, Complexo da Pena está fazendo, Jacarezinho está fazendo de uma outra maneira, está fazendo só como fórum de debate, cada um se apropriando e fazendo da sua forma.

Alan - 1:51:30

Mas, de alguma forma, esse é o ponto de

Alan - 1:51:35

partida. Eles estão dando esse feedback de que a gente está contribuindo para esses outros espaços também. Então, a Rocinha também está discutindo para poder fazer um plano. E aí, quando você vê uma Secretaria Nacional das Periferias pegar o plano do Alemão e colocar como uma referência nacional, porque os antigos métodos de processo participativo, eles estão começando a cair em desuso, por eles estarem arcaicos.

Alan - 1:52:01

Inclusive, está tendo um debate nessa esfera nacional da questão do formato de conselhos, etc. Até isso está sendo problematizado. Não que não seja importante, porque é.

Alan - 1:52:18

É importante. Mas a gente está vivendo um momento de transição. Um momento de transição de criar alternativa para a radicalização do processo democrático. E a gente entende que o trabalho que a gente está fazendo hoje, articulado no Alemão, ele pode ser inspirador para uma nova era, uma nova correlação de forças, uma nova forma de gerir políticas públicas, de propor políticas públicas e de monitorar políticas públicas também.

Alan - 1:52:42

Porque o nosso próximo passo agora é estruturar um observatório de políticas públicas

interinstitucional no Alemão para poder avançar. E aí você vê que o que eu estou falando que a gente está fazendo hoje, ele está totalmente conectado com toda a história da nossa entrevista aqui.

Alan - 1:52:59

Em vários momentos eu falei de participação, eu falei de coletividade. Então é sempre tentando trazer os conhecimentos diversos do dia a dia. Então raiz e movimento, eu acho que ele se traduz nesse sentido de cristalizar, de consolidar, de sistematizar todo esse pensamento, esse conhecimento, essas vontades e tentando agregar o máximo de coletivo de diversidade de pensamento para isso.

Wikifavelas - 1:53:29

Para fechar, qual é o sonho que você tem, Alan?

Alan - 1:53:33

Para você.

Wikifavelas - 1:53:35

Para mim? O meu sonho... Para você? Não é a liderança, não é a referência,

Wikifavelas - 1:53:42

Não é o professor. Qual é o sonho

Alan - 1:53:45

Para você? Olha, eu vou te dizer que eu sou uma pessoa realizada. Ao mesmo tempo que eu tenho esses sonhos coletivos, coisas e tal, pessoalmente sou uma pessoa muito realizada. Eu vivo da maneira que eu gosto de viver. Eu tenho dois filhos, já adultos.

Alan - 1:54:02

Tem um que está ficando mais velho do que eu já. Os amigos dele é que falam. Os amigos me chamam de Felipe e ele de Alan, porque ele é muito velho,

Alan - 1:54:12

Ele é meio chato, enjoado, sabe? Aquele cara que pentelha, implica com os amigos, os amigos falam que ele é velho e que eu que sou o jovem. Eu tenho dois filhos, já. O mais novo

está com 33 anos. Então eu tenho outro com 36.

Alan - 1:54:29

É o que eu falei, ele foi pai com 17 e eu com 21. Eu tenho lá em casa, quando eu estou falando dos coletivos, aí eu vou falar porque eu sou realizado. Porque lá em casa também se produz essa coletividade. Tal qual os espaços afro-brasileiros, afro de influência de matriz africana, lá em casa não existe neto da minha irmã, neto de um, neto de outro.

Alan - 1:54:57

Todos os netos são nossos, sabe? Inclusive, tem sobrinha que chama a mãe e a prima, as duas de mãe. Tem a mãe e tem a mãe Luana. E lá em casa, os netos das minhas irmãs, todos são meus netos.

Alan - 1:55:15

Já são cinco. Agora nasceu a minha neta filha do meu filho. Bom, já tinha neto já antes. E lá em casa muito nessa coletividade. Então isso é muito traduzido da minha família também. Então assim, filhos, netos, uma eu estou criando, está lá em casa agora.

Alan - 1:55:32

E essa coisa que tem a ver com a gente, por isso que eu não consigo dissociar. É a coisa da favela de um criar filho do outro e etc. Então eu sou muito realizado. Minha mãe faleceu agora, no começo do ano. E minha mãe, duas coisas que minha mãe...

Alan - 1:55:48

E eu falei isso na hora da sepultura dela, do sepultamento. O respeito pelas pessoas e o florescer do amar o outro. Minha mãe sempre foi essa pessoa.

Alan - 1:56:04

Minha mãe, talvez eu não tenha falado na entrevista toda, minha mãe nunca fez trabalho social no sentido mais estrito. Mas a minha mãe foi uma pessoa que teve a vida toda dela cuidando dos outros. A minha mãe cuidou do meu pai. Meu pai faleceu eu tinha 17 anos, eu tinha 18 anos.

Alan - 1:56:23

Eu acho que só esperou o meu primeiro filho nascer, que nasceu no dia do aniversário dele. E depois de um ano fizemos o primeiro aniversário do meu pai com 37 anos. Foi o

aniversário de um ano do meu filho. Logo, dois meses depois, meu pai faleceu.

Alan - 1:56:38

Foi o primeiro aniversário que ele comemorou na vida. E minha mãe sempre cuidou do meu pai, que tinha problema do coração. Depois eu tive um irmão que nasceu com a perspectiva de só durar até 14 anos, tinha uma doença rara e que os órgãos iam se desenvolvendo mas a estrutura parou de desenvolver a partir de 12, 13 anos.

Alan - 1:57:02

Então ia ter um momento de incompatibilidade, mas ele viveu até 21 anos. Ele é o meu irmão mais velho. Ele tinha 3 anos mais velho. Minha mãe cuidou do meu irmão doente. Ele tinha bronquite, um monte de coisa. Cuidou do meu pai até falecer. Cuidou do meu irmão até falecer. Cuidava da família. Cuidava dos irmãos.

Alan - 1:57:18

Então eu acho que essa questão do cuidado e do pensar o outro, do pensar no coletivo desse respeito à diversidade lá em casa é uma diversidade gigantesca e de diversas de diversas ordens seja de gênero, seja de diversas formas.

Alan - 1:57:36

E a gente trabalha e atua coletivamente até a porradaria coletiva. Então assim, eu me sinto o cara realizado sabe? Porque eu faço o que eu gosto eu faço o que eu acredito acreditar na coisa que você faz é a melhor coisa.

Alan - 1:57:52

E poder viver e tá trabalhando nessa área e tá produzindo conhecimento nessa área e tá contribuindo, colocando lá o seu quinhão de pensar nessa sociedade tão tão desumanizada essa tão individualizada e poder contribuir pra pensar, pra refletir pra fazer espaços coletivos, de agir em casa, etc.

Alan - 1:58:18

Então eu me sinto muito realizado nesse sentido. Agora, é isso que eu não consigo dissociar eu, Alan, particularmente se eu for falar da minha vida privada eu sou o cara realizado, mas eu ainda tenho muito por realizar porque eu não consigo dissociar dessa coletividade do que eu acredito.

Wikifavelas - 1:58:34

Falou coletividade, então você é de todo mundo. Não é?

Wikifavelas - 1:58:40

A sua mãe é a sua grande referência.

Alan - 1:58:42

É verdade. Minha mãe sempre foi uma pessoa assim e a minha mãe vem de uma família muito pô aquela lógica da família que vem de campo, retrógrata do passado, preconceituosa racista e minha mãe casou com meu pai é preto então eu acho que minha mãe tem esse da minha mãe pra cá a família mais reduzida da minha mãe pra cá é completamente distinta do meu restante de família sabe, em relação a essas questões lá em casa

Alan - 1:59:22

quase minha família, quase não aparece ninguém gay na família tem um aqui e o outro lá em casa são logo três né é o meu filho mais dois sobrinhos é tem uma sapatona, tem uma trans você conhece a trans?

Alan - 1:59:40

A trans trabalha lá na Coagemara da Maré a

Wikifavelas - 1:59:43

Quita, a minha sobrinha é

Alan - 1:59:46

Filha da minha irmã ela é em casa é uma diversidade gigantesca mas isso tudo é muito aberto, muito tranquilo e a gente sempre teve muita facilidade de lidar com todas as questões externas pra dentro e a sua mãe você

Wikifavelas - 1:59:59

Coloca como e

Alan - 2:00:01

A minha mãe é amalgama minha mãe por isso assim quando eu fiz minha mãe eu ao mesmo tempo que eu gosto muito de todo mundo junto, de um monte de gente eu nunca gostei eu

nunca pensei em casar na minha vida eu não suporto eu tenho um problema com a liberdade eu não suporto se eu sair daqui, descer ali alguém me chamar pra ir viajar pra ficar dois dias e se eu não tenho trabalho eu quero entrar e vir embora eu não quero dar satisfação a ninguém na minha vida tem essa instância e aí

Alan - 2:00:41

assim já que eu não quero, vou cuidar de quem? da minha mãe sempre que eu pude melhorar um pouquinho a qualidade de vida da minha mãe eu consegui dar conforto pra ela nesses últimos anos então pra mim é mais uma realização ela ficava o tempo todo falando pra mim agora eu vivo igual a madame agora eu vivo igual a madame a época da minha mãe eu pegava a água do pé do morro minha mãe pegava lá nos bombeiros, porque não tinha bica do pé do morro eu lembro da minha infância em Nova Iguaçu a gente tinha goteiro no banheiro, no nosso banheiro as

Alan - 2:01:22

condições de vida quando eu saí daqui e fui morar em Nova Iguaçu era absurdo era muito caótica minha mãe sofria muito e ainda trabalhava fora, cuidava dos filhos é marido doente, é filho doente e continuava trabalhando minha mãe foi uma mulher de muita referência falei pouco dela na entrevista mas agora pegou um pedaço

Wikifavelas - 2:01:46

Tá gravando. Fala o nome dela é

Alan - 2:01:48

A Neuzinha a gente chamava de Dona Nilson pra duplicar com ela mas Neuzinha ela criava esse ambiente tão tranquilo que a gente chamava de Neuzinha das candongas no último grupo do whatsapp, antes dela falecer era o grupo

Wikifavelas - 2:02:12

Do whatsapp da família? é, da família da Neuzinha

Alan - 2:02:15

Pra baixo não pegava a família macro não mas era eu minhas irmãs, meus sobrinhos, netos era Neuzinha eu sei que era a implicância que a gente tinha com ela, não vou lembrar agora é porque minha mãe também não tinha papo nas línguas sabe?

Alan - 2:02:32

E tava aquela pessoa que fala as coisas na cara e aí a gente fez o natal, o último natal que foi agora, ano passado e todo natal todo mundo ia lá pra casa e todo natal, a minha mãe era o dia dela descarregar então ela tinha as verdades dela pra falar você não faça mais isso, aí descachava em um, daqui a pouco ali descascava em outro e assim ela era sempre muito amorosa muito acolhedora sempre querendo cuidar de todo mundo mas também aquela que descascava direto então

Alan - 2:03:12

Essa era a Neuzinha a gente perdeu ela infelizmente agora foi dois anos de diferença a mãe dela e ela

Wikifavelas - 2:03:23

Minha avó

Alan - 2:03:24

Foi da pandemia...

Alan - 2:03:28

Minha mãe nunca quis ficar doente sabe? minha mãe foi muito rápido ela declinou e foi embora ela estava dormindo em casa o maior medo dela era sentir dor e morrer aos poucos no hospital ela sempre falava nisso o dia que eu estiver assim eu quero ir embora e minha mãe sempre foi uma pessoa muito espiritualizada agora eu posso rir do sepultamento dela porque a minha mãe ela é desde quando eu era criança ela sempre foi de centro centro traçado de Umbanda com Candomblé quando

Alan - 2:04:08

eu fui pra Nova Iguaçu a gente morava no centro de Umbanda minha mãe era equede da casa minha mãe cuidava da mãe de santo eu fui criado na primeira adolescência dentro do centro depois o centro fecha a minha mãe é muito amiga da mãe de santo, as duas viram católicas mas minha mãe não era muito de ir na igreja católica aí depois minha mãe virou messiânica e aí minha mãe circulou um pouco nessas religiões mas ela nunca abandonava a anterior ela acreditava em tudo ela não foi esqueceu ela não negou a Umbanda e os orixás, o Candomblé pra poder ser da messiânica ela foi acrescentando ela foi acrescentando,

Alan - 2:04:55

Eram camadas de religião que ela tinha e aí no sepultamento dela aí teve o pessoal que foi lá

da igreja católica fez todas as questões da igreja católica daqui a pouco me chega as pessoas da messiânica e as minhas irmãs continuam na religião de matriz africana as minhas irmãs sabendo que a família preconceituosa sabendo que fez todo o ritual do Candomblé antes de chegar todo mundo fez ali as

Alan - 2:05:35

orações de Iorubá, não sei o que só que essa foi a marca maior da minha mãe a vida toda essa religião e aí eu vi que minhas irmãs fizeram aquilo meio que pra dentro sabe? de certa forma até vergonhadas de ser fechado aí depois que já estava todo mundo quase na hora de fazer o sepultamento veio o pessoal da igreja católica que sempre está lá aquela galera que fica lá no cemitério minha mãe foi católica, então deixa rolar aí daqui a pouco chega o pessoal do jorei e aí o pessoal do jorei não

Alan - 2:06:15

queria fazer só uma oração não queria fazer todo o ritual do sepultamento em japonês em japonês e aí tem lá 40 minutos quase uma hora deles falando em japonês em volta da minha mãe aí eu falei assim, não gente não vai terminar esse sepultamento com japonês aí eu chamei minha irmã, repete tudo lá do Iorubá agora aí veio o Iorubá de novo e assim minha mãe foi embora que incrível e aí essa parada da minha coletividade de casa ela é tão grande porque

Alan - 2:06:55

eu não sei de onde veio, porque eu não tinha nem pensado em nada disso mas eu fiz um discurso ali depois que terminou tudo isso fiz um discurso antes de fechar o caixão e quando a gente sepultou ela quando agente estava saindo minha mãe com essa espiritualidade dela, e eu também sou muito espiritualizado mas eu não gosto de religião odeio seguir dogma essa coisa da minha liberdade manda eu seguir nada não, eu não vou sempre fui um cara espiritualizado e aí me veio minha mãe é de Emanjá e minha mãe sempre gostava de um lugar na praia lá na praia da reserva tem um lugar específico sempre que eu levava ela pra praia era pra

Alan - 2:07:35

lá que ela queria ir e aí não sei o que que deu em mim eu falei assim, chamei todo mundo lá de casa, lá da família magistrita gente, aquele amanhã a gente fazia a despedida final da deusinha a gente ia à praia e no dia seguinte fomos todos pra praia que lindo, todos foram todo mundo, a gente saiu de casa quatro e meia da manhã a gente amanheceu na praia e passamos o dia na praia, almoçando aí voltou o sofrimento do sepultamento ali a gente conseguiu se despedir voltou o sorriso no rosto, voltou a pensar agora o que a gente vai fazer sem a neuzinha o que é

Alan - 2:08:15

fundamental pra gente a gente tem que estar junto porque ela é um pilar que tava indo e a gente precisava se reestruturar e foi lindo aquilo ali, foi tudo muito espontâneo a gente passou o dia na praia rindo, brincando, trocando festejando a vida da minha mãe foi muito legal aquilo foi uma fortaleza pra gente enorme a neuzinha faz falta mais ela cumpriu a missão

Wikifavelas - 2:08:43

Ela cumpriu

Alan - 2:08:45

A missão gratidão é só você ficar falando ali não faz pra ninguém

Wikifavelas - 2:08:54

Gratidão. Brigada.

Alan - 2:08:54

Só você pra entrar nessas minhas intimidades